Ei! Ensinoinovativo

VOLUME 1 | 2014

FGV EAESP 60 anos

BOAS PRÁTICAS DE ENSINO

BENEFÍCIOS DA EXPERIÊNCIA DE CAMPO • **A TECNOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO** • **MÃOS À OBRA: É FAZENDO QUE SE APRENDE** • **REFLEXOS DO APRENDIZADO NO COTIDIANO**





CMCD FGV

Mestrado Acadêmico e Doutorado

fgv.br/dcm

MESTRADO E DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO, EXCELÊNCIA EM PESQUISA.

Isenção de Mensalidades no Doutorado para candidatos que atendam os requisitos exigidos.
Possibilidade de bolsas de estudos para o Mestrado.

MESTRADO ACADÊMICO E DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

O programa visa preparar pesquisadores, docentes e profissionais voltados para a reflexão crítica sobre temas atuais em Administração, além de estimular a produção de conhecimento relevante para a realidade brasileira.

MESTRADO ACADÊMICO E DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E GOVERNO

O programa visa preparar pesquisadores, docentes e profissionais voltados à análise do Estado, das políticas públicas e da gestão pública, aptos a atuarem tanto na administração pública como em organizações não-governamentais e em fundações empresariais.

AACSB ACCREDITED · EFMD EQUIS ACCREDITED · Accredited by Association of MBAs

A qualidade do ensino da FGV/EAESP é acreditada por três entidades internacionais especializadas no assunto.

BOLSA DE ESTUDOS | INSERÇÃO INTERNACIONAL | FGV.BR/CMCD

INOVAÇÃO EM ENSINO E APRENDIZAGEM

Em minha adolescência, no escritório do meu pai, as máquinas de calcular eram eletromecânicas: somavam, subtraíam e multiplicavam, mas não dividiam. Para fazer esta operação, era necessário pesquisar o correspondente inverso num catálogo. As calculadoras eletrônicas apareceram durante meus primeiros tempos de faculdade, aposentando a régua de cálculo, mas não, ainda, os catálogos de Matemática Financeira, em que procurávamos os fatores de acumulação de capital. Executar programas, nas aulas de TI, e ajustar modelos, nas aulas de estatística, envolvia perfurar cartões e esperar pelo processamento no computador *mainframe*, o que era feito durante a noite e devolvido no dia seguinte. Usei um microcomputador, pela primeira vez, no meu estágio profissional para fazer o orçamento da empresa numa planilha SuperCalc. A dissertação de mestrado foi pesquisada manualmente em fichas de cartão, no serviço de referência. Artigos internacionais eram encomendados por pedidos entre bibliotecas e demoravam meses para chegar pelo correio. A dissertação foi transcrita por uma datilógrafa utilizando uma máquina elétrica de esfera. Depois, claro, veio a internet. E, bom, o restante da história é bem conhecido.

Mas uma coisa continua igual: a aula expositiva nos cursos universitários. É estranho. Os alunos mudaram. A sociedade mudou. As profissões mudaram. As competências necessárias para o mundo do trabalho mudaram. O papel da universidade mudou. Mas a aula expositiva tradicional e o modelo de educação que ela representa permanecem iconicamente iguais.

Ao longo dessas décadas, a atividade docente aumentou de escopo e passou a exigir muito mais do que conhecer um assunto e fazer preleções a respeito. Hoje, o ensino exige habilidade e competência na condução de sofisticados processos psicológicos, técnicos, organizacionais, pedagógicos e grupais, que não necessariamente se relacionam ao campo de especialidade do professor, mas dizem respeito à sua capacidade de desenho e entrega instrucional.

Hoje, a inovação nos processos de ensino e aprendizagem é necessária e urgente. Não por uma crença ingênua de que o novo é automaticamente melhor, uma preferência do novo pelo novo, mas porque, em circunstâncias cada vez mais comuns, as práticas tradicionais tornaram-se disfuncionais. Na busca de novos caminhos, haverá erros e acertos. Não experimentá-los, no entanto, nos condenaria à irrelevância.

Nesta primeira edição da revista Ensino Inovativo, apresentamos oito experiências pedagógicas conduzidas por professores e estudantes da FGV-EAESP, premiadas no programa Boas Práticas de Ensino e Aprendizagem, criado pelo Centro de Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem (CEDEA). A inquietude com o estado corrente dos processos didáticos, a energia para a experimentação e a capacidade de assumir riscos e trabalhar em conjunto caracterizam o ambiente acadêmico docente e discente da Escola ao longo dos últimos 60 anos, o que nos faz uma instituição sempre renovada. Temos muito do que nos orgulhar.

Boa leitura!

Francisco Aranha
Diretor de conteúdo e Coordenador do CEDEA

FICHA TÉCNICA

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

Escola de Administração de Empresas de São Paulo

Ei! Ensinoinovativo

Entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas da organização racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativos e sociais, e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro.

Primeiro presidente e fundador: Luiz Simões Lopes

Presidente: Carlos Ivan Simonsen Leal
Vice-presidentes: Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Marcos Cinta Cavalcanti de Albuquerque, Sergio Franklin Quintella

CONSELHO DIRETOR
Presidente: Carlos Ivan Simonsen Leal
Vice-presidentes: Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Marcos Cinta Cavalcanti de Albuquerque, Sergio Franklin Quintella
Vogais: Armando Klabin, Carlos Alberto Pires de Carvalho e Albuquerque, Cristiano Buarque Franco Neto, Ernane Galvêas, José Luiz Miranda, Lindolpho de Carvalho Dias, Marcílio Marques Moreira, Roberto Paulo Cezar de Andrade
Suplentes: Aldo Floris, Antonio Monteiro de Castro Filho, Ary Oswaldo Mattos Filho, Eduardo Baptista Vianna, Gilberto Duarte Prado, Jacob Palis Júnior, José Ermírio de Moraes Neto, Marcelo José Basílio de Souza Marinho, Maurício Matos Peixoto

CONSELHO CURADOR
Presidente: Carlos Alberto Lenz César Protásio
Vice-presidente: João Alfredo Dias Lins (Klabin Irmãos & Cia)
Vogais: Alexandre Koch Torres de Assis, Angélica Moreira da Silva (Federação Brasileira de Bancos), Antonio Alberto Gouveia Vieira, Carlos Moacyr Gomes de Almeida, Andrea Martini (Souza Cruz S/A.), Eduardo M. Krieger (Estado do Rio Grande do Sul), Heitor Chagas de Oliveira, Jaques Wagner (Estado da Bahia), Joaquim Levy, Luiz Chor, Marcelo Serfaty, Marcio João de Andrade Fortes, Pedro Henrique Mariani Bittencourt (Banco BBM S.A.), Orlando dos Santos Marques (Publicis Brasil Comunicação Ltda.), Raul Calfat (Votorantim Participações S.A.), Leonardo André Paixão (IRB-Brasil Resseguros S.A), Ronaldo Vilela (Sindicato das Empresas de Seguros Privados, de Previdência Complementar e de Capitalização nos Estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo), Sandoval Carneiro Junior
Suplentes: Cesar Camacho, José Carlos Schmidt Murta Ribeiro, Luiz Ildefonso Simões Lopes (Brookfield Brasil Ltda.), Luiz Roberto Nascimento Silva, Manoel Fernando Thompson Motta Filho, Nilson Teixeira (Banco de Investimentos Crédit Suisse S.A.), Olavo Monteiro de Carvalho (Monteiro Aranha Participações S.A.), Patrick de Larragoiti Lucas (Sul América Companhia Nacional de Seguros), Clóvis Torres (VALE S.A.), Rui Barreto (Café Solúvel Brasília S.A.), Sergio Lins Andrade (Andrade Gutierrez S.A.), Victório Carlos de Marchi

UNIDADES DA FGV-SP
Escola de Administração de Empresas de São Paulo
Diretora: Maria Tereza Leme Fleury
Escola de Economia de São Paulo
Diretor: Yoshiaki Nakano
Escola de Direito de São Paulo
Diretor: Oscar Vilhena Vieira
FGV Projetos
Diretor Executivo: Cesar Cunha Campos
Diretor Técnico: Ricardo Simonsen
Diretor de Controle: Antonio Carlos Kfouri Aidar
Vice-diretor de Projetos: Francisco Eduardo Torres de Sá
Vice-diretor de Estratégia e Mercado: Sidnei Gonzalez
Diretoria da FGV para assuntos da FGV-SP
Diretor: Francisco S. Mazzucca
Diretoria de Operações da FGV-SP: Mario Rocha Souza

DIRETORIA
Diretora: Maria Tereza Leme Fleury
Vice-diretora: Maria José Tonelli

CONGREGAÇÃO
Presidente: Maria Tereza Leme Fleury

CONSELHO DE GESTÃO ACADÊMICA
Presidente: Maria Tereza Leme Fleury

DEPARTAMENTOS DE ENSINO E PESQUISA
Administração da Produção e de Operações: Luiz Artur Ledur Brito; **Administração Geral e Recursos Humanos:** Maria Ester de Freitas; **Contabilidade, Finanças e Controle:** Jean Jacques Salim; **Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração:** Isleide Arruda Fontenelle; **Informática e Métodos Quantitativos Aplicados à Administração:** André Luiz Silva Samartini; **Mercadologia:** Inês Pereira; **Planejamento e Análise Econômica Aplicados à Administração:** Arthur Barrionuevo Filho; **Gestão Pública:** Henrique Fingermann

CURSOS, PROGRAMAS E SERVIÇOS
Curso de Graduação em Administração: Nelson Lerner Barth; **Curso de Graduação em Administração Pública:** Fernando Luiz Abrucio; **Curso de Especialização em Administração (pós-graduação lato sensu):** Renato Guimarães Ferreira; **Mestrado e Doutorado em Administração de Empresas:** Ely Laureano Paiva; **Mestrado e Doutorado em Administração Pública e Governo:** Marta Ferreira Santos Farah; **Mestrado Profissional em Administração de Empresas (MPA):** Marina de Camargo Heck; **Mestrado Profissional em Gestão e Políticas Públicas:** Regina Silvia Viotto Monteiro Pacheco; **Mestrado Profissional em Gestão Internacional:** Edgard Elie Roger Barki; **OneMBA:** Marina de Camargo Heck; **GVpec - Programa de Educação Continuada (em parceria com o IDE):** Carlos Osmar Bertero; **Núcleo de Pesquisas:** Thomaz Wood Júnior; **RAE-publicações:** Eduardo Henrique Diniz; **Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios:** Tales Andreassi; **Centro de Estudos de Administração Pública e Governo:** Ricardo Rocha Brito Bresler; **Centro de Estudos de Política e Economia do Setor Público:** George Avelino Filho; **Centro de Estudos em Planejamento e Gestão de Saúde:** Ana Maria Malik; **Centro de Estudos em Sustentabilidade:** Mário Prestes Monzoni Neto; **Centro de Excelência em Logística e Supply Chain:** Manoel de Andrade e Silva Reis; **Centro de Excelência em Varejo:** Jacob Jacques Gelman; **Centro de Tecnologia de Informação Aplicada:** Alberto Luiz Albertin; **Instituto de Finanças:** João Carlos Douat; **Centro de Estudos de Microfinanças:** Lauro Emilio Gonzalez Farias; **Centro de Estudos em Finanças:** William Eid Jr.; **Centro de Estudos em Private Equity:** Cláudio Vilar Furtado; **Fórum de Inovação:** Marcos Augusto de Vasconcellos; **International Business Research Forum (IBRF):** Rodrigo Bandeira de Mello; **Núcleo de Comunicação, Marketing e Redes Sociais Digitais:** Izidoro Blikstein; **Núcleo de Estudos em Organizações e Pessoas:** Maria José Tonelli

APOIO
Centro de Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem: Francisco Aranha; **Coordenadoria de Avaliação Institucional:** Heloisa Mônaco dos Santos; **Coordenadoria de Estágios e Colocação Profissional:** Beatriz Maria Braga; **Coordenadoria de Relações Internacionais:** Julia Alice Sophia von Maltzan Pacheco; **Serviço de Apoio e Atendimento Psicológico e Psiquiátrico aos Alunos do Curso de Graduação em Administração:** Tiago Luis Corbisier Matheus; **Divisão de Comunicação e Marketing:** Patricia Perim Freitas Santos; **Alumni GV:** Francisco Ilson Saraiva Junior

ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS DA FGV-EAESP
Presidente: Vagner Neres da Silva

DIRETÓRIO ACADÊMICO GETULIO VARGAS
Presidente: Gabriela Novaes Brepohl

Volume 1 - 2014

Centro de Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem (CEDEA)

Diretor de conteúdo: Francisco Aranha

REDAÇÃO
Coordenadora editorial: Aline Lilian dos Santos
Jornalistas: Aline Lilian dos Santos e Ana Paula Yokoyama
Fotógrafa: Camila Fontana

ADMINISTRAÇÃO
Equipe: Ellen Freitas e Daiana Mendes

REVISÃO/COPIDESQUE
Aline Lilian dos Santos

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
Zeppelini Editorial – www.zeppelini.com.br
Imagens ilustrativas: www.shutterstock.com

Periodicidade: anual

CENTRAL DE RELACIONAMENTO
Tel.: (11) 3799-7725
cedea@fgv.br
Av. 9 de Julho, 2029
01313-902 – São Paulo-SP

SUMÁRIO

REVISTA ENSINO INOVATIVO • VOLUME 1 • 2014



4 De dentro para fora

Ideias inovadoras em sustentabilidade



Ensino presencial + aulas on-line: uma combinação que dá certo 10

Como o meio digital pode auxiliar no ensino



14 E se fosse você?

Estudantes vivem experiências em outras profissões



E o Oscar vai para... 20

Alunos criam filmes para explicar economia



É compartilhando que se aprende 26

A Wikipédia como método de ensino



Mãos à obra! 30

É fazendo que se aprende



Quebrando os muros sociais 36

Alunos e jovens de Heliópolis trocam experiências



Maratona de Estatística: desafio testado e aprovado 40

Mantendo a motivação com carga horária reduzida

FOTO: GVces



DE DENTRO PARA FORA

AUTOCONHECIMENTO E DESAFIOS REAIS CAMINHAM JUNTOS NA GERAÇÃO DE IDEIAS INOVADORAS EM SUSTENTABILIDADE

Por Aline Lilian dos Santos

Diferentemente de alguns anos atrás, muitas empresas desenvolveram uma consciência voltada à sustentabilidade e não dão mais um passo sem levar em consideração esse aspecto. É cada vez mais comum vê-las investindo fortemente em ações socioambientais.

Com o intuito de incentivar ideias inovadoras nessa área, instituiu-se a Formação Integrada para a Sustentabilidade (FIS), disciplina eletiva oferecida ao curso de graduação em Administração, cujo objetivo é desenvolver uma nova geração de líderes com as competências necessárias para enfrentar os futuros desafios no âmbito da sustentabilidade.

TEORIA + PRÁTICA

Coordenado pelo Centro de Estudos em Sustentabilidade (GVces) da FGV-EAESP, o programa procura ultrapassar a relação professor-aluno durante o processo formativo, pois é fundamentado na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, que busca articular o conhecimento acadêmico com o prático.



Alunos participam de atividades do Projeto de Si Mesmo

FOTOS: GVces

Diante disso, o FIS é constituído por dois pilares: o Projeto de Si Mesmo, focado na formação interna e autoconhecimento do estudante, e o Projeto Referência, desafio real baseado em um tema no qual os alunos devem propor ideias e soluções voltadas à sustentabilidade.

PROJETO DE SI MESMO

O Projeto de Si Mesmo consiste no espaço de autoformação do estudante e é desenvolvido a partir de um processo autoreflexivo. Segundo Leeward Wang, pesquisador do FIS, é na articulação entre o olhar que se volta para a própria interioridade e os acontecimentos do cotidiano que a pessoa se descobre, lapida-se e se aproxima da sua essência: "O aluno vai se investigar, mergulhar em si mesmo, questionar-se e fazer essa articulação de dentro para fora. É o que ele vai levar para a vida, a forma como verá o mundo e como se relacionará com ele".

O programa busca criar condições para a mudança de percepção e interpretação da realidade, passando o conteúdo de forma estimulante, provocando, questionando e incentivando o participante a refletir e a se desenvolver. Assim, são explorados pontos como: os sentidos, as emoções, o intangível etc. "A intenção é que eles compreendam como esses níveis de realidade os integram e se alimentem dessas fontes", diz Leeward.

Para que o estudante crie esse olhar mais apurado sobre si mesmo, o projeto utiliza estímulos como a sensibilização corporal, por meio de atividades como Yoga, Tai Chi Chuan, técnicas de respiração e até a relação com o silêncio. "O aluno passa a perceber coisas a que não se atentava antes. Ele começa a refletir e desvendar o que está por trás dos fenômenos que o envolvem", explica o pesquisador.



Estudantes em campo no Projeto Referência

FOTOS: GVces

Além disso, a equipe propõe atividades que fogem do tradicional, como trabalhos relacionais, dinâmicas, jogos, massagem em roda e oficinas de arte, a fim de que os participantes interajam, realizem novas interpretações e construam uma visão mais ampla sobre a vida: "Se lhe cabe ser CEO de uma empresa, tudo bem. Mas se quiser vender cerveja artesanal, porque tem talento para aquilo, ótimo! A intenção é que o aluno tenha autonomia e consiga tomar decisões mais inclusivas, que considerem diversos elementos", ressalta Leeward.

PROJETO REFERÊNCIA

É o desafio real que move a disciplina, uma experiência que oferece aos alunos a oportunidade de trabalhar em novas ideias e perspectivas para questões desafiadoras sob a ótica da sustentabilidade.

Para viabilizar esse projeto, o FIS conta com especialistas responsáveis por trazer conteúdo aos estudantes, por meio de materiais, palestras e da experiência de campo, momento em que vivenciam o que estão estudando. "Os participantes vão visitar diferentes iniciativas sobre o tema proposto. No segundo semestre de 2013, por exemplo, o assunto foi resíduos sólidos e eles foram a campo conhecer cooperativas, recicladoras e projetos de educação ambiental para reciclagem. Assim, eles veem na prática como as coisas acontecem", conta Leeward.

Ainda de acordo com o pesquisador, apesar de terem propósitos específicos, o Projeto de Si Mesmo e o Projeto Referência são trabalhados de forma integrada, de modo que um complemente o outro e o aluno possa – por meio do autoconhecimento – interiorizar os conceitos e refletir sobre o que está estudando: "Depende do participante conceber um projeto inovador e que agregue valor. O FIS cria as condições, mas ele é o condutor do seu processo formativo".

O Projeto Referência é composto por dois grandes momentos: a micro e a macroimersão.

MICRO E MACROIMERSÃO

É a experiência de campo, em que os alunos viajam para locais que possuem projetos relacionados

> "O FIS foi um grande marco na minha vida, foi onde me encontrei. Estou abrindo um negócio chamado 'Escola do mundo', baseado em desenvolvimento humano e que também mistura proposta de vida, autoconhecimento, empreendedorismo e educação fora da sala de aula. O FIS foi uma grande inspiração.
>
> *Raissa Teles, ex-aluna de graduação em Administração de Empresas da FGV-EAESP*

ao tema estudado. Ela permite o levantamento de informações para a elaboração de uma proposta que traga novas ideias e planos de ação.

Geralmente, a microimersão – uma espécie de retiro que dura um fim de semana – é realizada primeiro, para que os participantes tenham um entendimento mais profundo sobre o desafio e aprendam a trabalhar em equipe. Eles são divididos em grupos e têm o primeiro contato com projetos referentes ao assunto do semestre.

Já a macroimersão é mais intensa. Segundo Leeward, a viagem dura uma semana e os grupos exploram a fundo iniciativas relacionadas ao desafio, cada uma com experiências, lugares, projetos e interlocutores diferentes: "Na última edição, por exemplo, fomos para uma fazenda no interior de São Paulo, onde trabalhamos o Projeto de Si Mesmo e fizemos uma oficina para os alunos tirarem todas as dúvidas antes da visita aos projetos. Ao fim, fizemos o que chamamos de recolhimento, ou seja, fomos a um lugar próximo da natureza para eles refletirem sobre o que viram naquela semana. Isso estimula o processo criativo".

Para que o tema selecionado seja explorado da melhor forma e possa oferecer um aprendizado eficiente, o FIS busca abordar assuntos que estão sendo discutidos no momento. "Isso cria um senso de realidade, uma atmosfera favorável para o aluno mergulhar no desafio", revela Leeward. Além disso, a equipe se esforça para mapear iniciativas relevantes, a fim de trazer referências que engajem os estudantes. "As pessoas por trás desses projetos têm raça, liderança nata, são empreendedores muito inovadores, criativos, o que inspira os participantes", reforça o pesquisador.

APRESENTAÇÃO FINAL

Ao fim do semestre, os alunos devem realizar uma apresentação para divulgar os resultados do trabalho, mostrando os encaminhamentos e a validade das inovações propostas. Eles são avaliados por uma banca composta por um professor da FGV, pelos parceiros, especialistas, um ex-aluno do FIS e um mediador. Essa apresentação deve refletir a criatividade explorada no processo formativo, bem como a diversidade das experiências vividas, trazendo propostas que ultrapassem o lugar comum, já exaustivamente analisado.

PARCERIAS

Para viabilizar esses projetos, o programa conta com o incentivo da comunidade empresarial. "O FIS é um projeto caro. Entre os parceiros que já financiaram a iniciativa estão Votorantim Metais, Natura, Santander, Fundação Konrad Adenauer e Itaú Unibanco, que colaborou em todas as edições", diz Leeward.

"Apoiamos o FIS com o objetivo de incentivar uma nova abordagem na formação acadêmica e estimular os alunos a terem uma visão integrada e sistêmica da sustentabilidade como parte da estratégia de negócios para o futuro", revela Denise Nogueira, Gerente de Sustentabilidade do Itaú Unibanco.

O programa também busca envolver ao máximo os parceiros, de modo que participem das iniciativas e possam aplicar as ideias no dia-a-dia de suas corporações: "Os profissionais do Itaú costumam acompanhar as turmas em suas jornadas, o que também impacta na formação desses colaboradores. Para temas próximos aos nossos desafios, buscamos trazer o projeto proposto para a realidade da empresa", completa Denise.

SELEÇÃO DE ALUNOS

A disciplina foi desenhada para trabalhar com grupos de, no máximo, vinte alunos por edição, já

PROJETOS REALIZADOS PELO FIS

FIS 1 (2010)

Desenvolver um parecer ao Itaú Unibanco e ao Santander, dois bancos signatários dos Princípios do Equador, sobre a operação de crédito no Aproveitamento Hidrelétrico Belo Monte (AHE Belo Monte).

FIS 2 (2010)

Criar um conjunto de diretrizes para uma política pública de conservação e uso sustentável da biodiversidade.

FIS 3 (2011)

Elaborar uma proposta de valor e um modelo de negócio de inclusão financeira para a população de baixa renda no Brasil.

FIS 4 (2011)

Estruturar um fundo de apoio ao pequeno produtor brasileiro, possibilitando a construção de pontes entre o agroempreendedor e a economia de mercado.

FIS 5 (2012)

Apresentar uma política de gestão e trabalhar no desenvolvimento de fornecedores que criem condições para que as empresas de mineração sejam protagonistas de uma cadeia de suprimentos orientada à sustentabilidade.

FIS 6 (2012)

Conceber um *roadmap* para o desenvolvimento de um *cluster* de tecnologia limpa que fomente cadeias de valor ligadas à eficiência energética e à geração de energia renovável, incentivando "empregos verdes".

FIS 7 (2013)

Elaborar uma proposta de captação de recursos para a implantação de um Parque Tecnológico Regional de Sustentabilidade Urbana, atendendo às aspirações da Associação de Prefeitos da Região Central (APREC), que congrega 28 municípios do Estado de São Paulo.

FIS 8 (2013)

Realizar um documentário que contribuísse para a complexa e controversa implantação da Política Nacional de Resíduos Sólidos.

> "O FIS tem uma proposta inovadora e foge do modelo tradicional de ensino. As atividades e dinâmicas em grupo envolvem os alunos e o professor é um facilitador do aprendizado. É um processo formativo com experiências reais que possibilita o desenvolvimento, não só do ponto de vista profissional, mas também pessoal.
>
> *Cintia Kawasaki, ex-aluna de graduação em Administração Pública da FGV-EAESP*

que o programa tem elevado grau de complexidade e alto custo.

O critério de seleção é a diversidade, levando em consideração aspectos como o semestre, o curso, a idade, os interesses, se o aluno tem orientação à sustentabilidade, entre outros.

A primeira etapa consiste em um cadastro e dois formulários que se referem aos interesses pessoais, valores e à dimensão profissional do participante: aspirações de trabalho, sua relação com a GV e como ele se vê dentro do FIS. A segunda etapa é uma dinâmica presencial, uma amostra do que ele viverá no programa para que possa decidir se realmente quer aquilo. "Para participar do FIS é preciso ter comprometimento, disponibilidade, dedicação. Se por um lado oferecemos oportunidades muito valiosas, por outro pedimos engajamento", reforça Leeward.

O programa foi suspenso no primeiro semestre de 2014 devido à Copa do Mundo, mas voltou com tudo neste segundo semestre e está trabalhando a gestão de áreas protegidas.

SAIBA MAIS:
Confira todas as informações e trabalhos realizados pelo FIS em: eletivafis.com.br

PRÊMIO BOAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM 2014



Professor da FGV-EAESP:

Inscreva sua ideia até o dia 5/12/2014 e ajude a disseminar iniciativas inovadoras de ensino.

Para maiores informações:

cedea@fgv.br

ENSINO PRESENCIAL + AULAS ON-LINE: UMA COMBINAÇÃO QUE DÁ CERTO

MEIO DIGITAL FOI A SOLUÇÃO ENCONTRADA PARA O ENSINO DE HABILIDADES COMPUTACIONAIS AOS ALUNOS DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO HOSPITALAR E DE SISTEMAS DE SAÚDE (CEAHS) DA FGV-EAESP

Por Aline Lilian dos Santos e Ana Paula Yokoyama



Quando foi comunicada pela direção do Curso de Especialização em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (CEAHS) que a disciplina de Habilidades Computacionais sofreria uma redução de carga horária, a professora Libânia Rangel começou a pensar em possíveis formas de adaptar um curso de 32 horas para apenas 16 horas.

Não demorou muito e surgiu uma solução: utilizar a internet a favor da disciplina e dos alunos. O maior desafio era fazer com que eles aderissem à ideia. Libânia, então, dividiu a matéria em duas partes: a sequência teórica do curso seria ministrada virtualmente, e dúvidas, exercícios não resolvidos e até problemas do dia-a-dia seriam solucionados em aulas presenciais.

INTUIÇÃO E VIABILIDADE

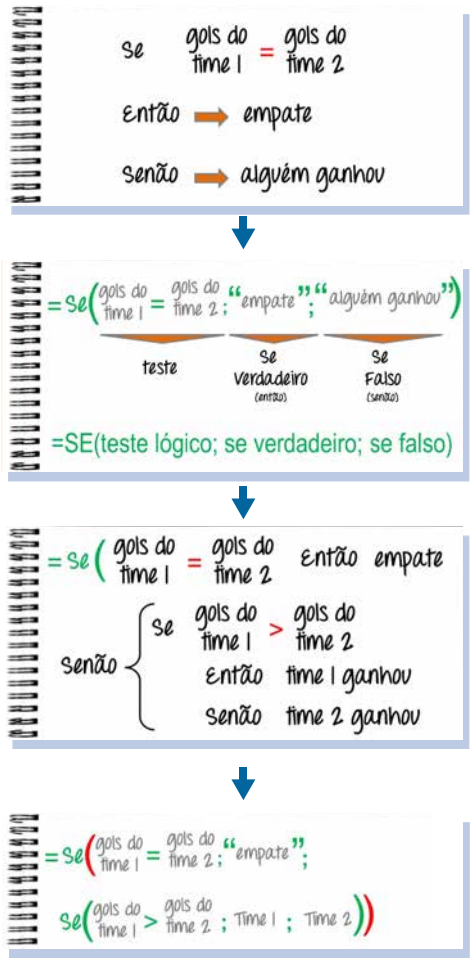
Libânia conta que no início usou a intuição e sua experiência para a construção das aulas on-line. "Eu já fazia vídeos. Eram mais voltados à revisão para as turmas de graduação. Foi uma questão de adequar o conteúdo e buscar maneiras de ser didática à distância", explica a professora.

Para a elaboração de uma boa aula on-line, ela criou roteiros de gravação baseados nos comentários, sacadas e situações que os alunos de turmas anteriores traziam para a sala: "Em minha visão, são esses exemplos do cotidiano que os ajudam a assimilar informações, especialmente as mais complicadas".

Ter ampla experiência na disciplina ajudou Libânia a separar o conteúdo, avaliando o que poderia ser apresentado em forma de vídeo (on-line) e o que precisaria ser realizado presencialmente (em sala de aula). Como normalmente as dúvidas das turmas são semelhantes, isso se tornou um bom ponto de partida para a construção dos tutoriais e até do blog "E se...", uma central de perguntas mais frequentes, disponível aos estudantes. "Lá eu deixo *insights* que podem fazer toda a diferença na hora de explicar um assunto", conta ela.

CONSULTAS E AULAS A QUALQUER HORA

De acordo com a professora, os alunos que frequentam o curso de Habilidades Computacionais costumam revisar os conceitos para estudar para as provas. Isso significa que ter um vídeo à disposição no momento necessário pode ser "uma mão na roda".



Imagens de uma aula on-line de Habilidades Computacionais

Para Flávio Ridenti, médico especializado em terapia intensiva e aluno do CEAHS, o método de ensino adotado por Libânia surpreendeu. "Os módulos das aulas disponíveis no eClass (sistema aluno on-line), com explicações seguidas de exercícios de fixação, permitem `entrar´ no Excel de forma quase interativa. O formato permite que o aluno repita, passo a passo, as etapas dos exercícios, pausando quando necessário, até que consiga incorporar as informações. O método, neste caso, pareceu mais efetivo que o tradicional", avalia.

FOTOS: ALINE LILIAN DOS SANTOS



Alunos tiram dúvidas e resolvem exercícios em sala

A opinião é compartilhada por Leonardo Rodrigues, que também é médico e aluno do CEAHS. Ele classificou o método como prático e autoexplicativo: “Não tinha muita afinidade com o Excel antes do curso, mas pude acelerar minha curva de aprendizado sem muita dificuldade, principalmente pela possibilidade de treinamento constante que esta metodologia propicia”.

Além disso, os alunos têm em mãos grandes tutoriais, o que viabiliza a interpretação dos conceitos de forma mais fidedigna e ampla fixação das informações. Foi o caso da aluna Nadin Hassan Ali, que é biomédica. Segundo ela, ter vídeos separados para cada assunto facilitou o entendimento dos conceitos: “Os vídeos são bem claros e demonstram de forma simples como usar as ferramentas do Excel. Ter a planilha utilizada pela professora nas aulas para acompanhar as etapas e executar as diferentes tarefas foi essencial para o entendimento”, avalia.

> “Para esse tipo de disciplina, acredito que o método utilizado é adequado, pois oferece liberdade para que cada aluno siga o seu ritmo e tenha um melhor entendimento. Se fosse ministrada em sala, o professor não conseguiria acompanhar o tempo de cada aluno.
>
> *Nadin Hassan Ali, biomédica e aluna do CEAHS*

CUSTOMIZAÇÃO COMO BENEFÍCIO

A professora conta que o método à distância também fez com que o curso ganhasse um

> A disciplina introduziu as funções do Excel e fundamentos da Estatística de maneira marcante. Não domino este campo de conhecimento, mas o caminho foi aberto. Este é o papel do professor: ensinar o aluno a usar os instrumentos quando necessário.

Flávio Ridenti, médico especializado em terapia intensiva e aluno do CEAHS

toque de customização. Isso porque os alunos ditam o seu próprio ritmo. Aqueles que têm mais conhecimento não precisam acompanhar as aulas teóricas e partem logo para a resolução dos exercícios. Outros, menos familiarizados com o tema, podem assistir às aulas quantas vezes precisarem.

Nadin é um exemplo do bom uso dos vídeos. "Considerando os diferentes níveis de conhecimento em informática entre os alunos, esse método oferece liberdade para que cada um siga o seu ritmo e tenha um melhor entendimento. Comparando ao método tradicional, pessoas com mais facilidade teriam que esperar o desenrolar dos temas, enquanto as com mais dificuldade se sentiriam sobrecarregadas. No meu caso, aproveitava a disponibilidade dos vídeos para assistir às aulas novamente após sanar as dúvidas pessoalmente com a professora", conta ela.

SALA DE AULA

Para não perder a qualidade das aulas e nem torná-las totalmente impessoais, Libânia adotou uma precaução: usar a segunda parte do curso, os encontros em sala de aula, para tirar dúvidas. Eles acontecem três vezes por semana: "Funciona muito bem, especialmente no caso de alunos que enfrentam dificuldades na assimilação de algum conceito mais complexo".

ASPECTOS NEGATIVOS

Na avaliação da professora, o novo método trouxe apenas dois impactos negativos. No caso daqueles que têm aversão à tecnologia, lidar com o uso da internet para aprender a manusear o Excel pode causar desconforto no início. "Isso acontece especialmente com quem precisa do professor por perto", explica ela. O outro ponto seria a avaliação: "Mesmo com as aulas presenciais, tenho maior contato com os alunos apenas na hora da prova. É aí que descubro quem está mal, quem não assimilou os conteúdos".

BOA AVALIAÇÃO

Apesar disso, Libânia comemora os resultados. De maneira geral, os estudantes finalizam o curso com bom conhecimento dos fundamentos necessários para o uso do Excel. "Tivemos uma leve melhora no desempenho das notas, inclusive em comparação com turmas cujas aulas foram presenciais", conta. Essa conclusão, segundo a professora, veio principalmente com uma experiência feita por ela: "Apliquei a mesma prova do curso presencial aos alunos do curso à distância. Ao fechar as notas, compostas pela soma da prova final (60%) e da realização dos exercícios (40%), verificou-se um aumento de até 0,5".

"Para mim, o maior sinal de que o método está dando certo é que ainda não tive nenhum tipo de sinalização dos professores das disciplinas posteriores, que precisam do meu conteúdo bem assimilado para seguir com suas aulas", finaliza Libânia.

SAIBA MAIS:
Confira uma aula de Habilidades Computacionais na versão interativa da revista:
bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/ei



E SE FOSSE VOCÊ?

TROCAR DE PAPEL E SE COLOCAR NO LUGAR DO OUTRO PODE SER A MELHOR FORMA DE APRENDER

Por Aline Lilian dos Santos

Já imaginou deixar sua rotina de lado por um dia e trabalhar em outra profissão? Você poderia vender doces na rua, ajudar na lavoura, ser operário em uma fábrica, lavar ônibus, abastecer carros, ser porteiro ou segurança de um prédio, garçonete de um bar, motoboy, faxineira de um hospital... O que você escolheria?

No dia-a-dia, lidamos com diversos tipos de profissionais que enfrentam diferentes dificuldades e desafios em suas funções, mas raramente nos perguntamos como deve ser a rotina dessas pessoas.

Para expor os estudantes a cenários de diversidade cultural e social, permitindo-lhes viver diferentes situações de trabalho, a professora Débora Ferreira Leite, que leciona a disciplina Psicologia II para o 3º semestre de graduação em Administração de Empresas da EAESP, aplicou um método chamado Observação Participante. "Achei interessante que eles pudessem observar e experimentar, por um dia, alguma atividade que não escolheriam como

FOTOS: ARQUIVO ALUNOS



Lucas Andrade e Jonathan Majoni foram trabalhar na lavoura,
Luisa Nascimento viveu um dia como garçonete e Beatriz Zilli foi ajudante em uma fazenda

carreira, expondo-se às reais condições dessa função. É uma imersão", explica a professora sobre a técnica aplicada.

A proposta se explica pelo fato de permitir que os alunos tenham contato com a alteridade em diversos tipos de atividade, já que nessa matéria não se discute apenas a função do administrador, mas também como acontecem as relações de trabalho, o sofrimento no ambiente profissional e os mecanismos de defesa diante dessas situações. A intenção é proporcionar ao jovem uma maior gama de experiências, possibilitando que ele se coloque no lugar do outro e olhe para outras profissões de modo diferente.

VIVER PARA APRENDER

Dentre as atividades escolhidas pelos alunos estão: trabalhar na portaria, na fazenda, na fábrica, no escritório (tirando cópia de documentos), como faxineira, boleiro, garçonete,

FOTO: ARQUIVO ALUNOS



Priscila Ueda, Aline Delgado e Marília Retti

> Nossa função foi lavar ônibus. O sofrimento começa pela roupa, que é bem pesada e desconfortável. Tínhamos que esfregá-lo com uma vassoura, mas eu quase não alcançava, porque era bem alto. Para enxaguar, usamos uma mangueira com um jato de água muito forte; eu não conseguia segurá-la nem movimentá-la direito e fiquei com muita dor no braço. Além disso, caía uma chuva absurda, o que prejudicou o trabalho. Não é uma tarefa tão simples, é preciso ter preparo, não só físico, mas mental e emocional, porque não tem novidade nem traz perspectiva de crescimento.
>
> *Aline Delgado, aluna de Administração de Empresas na EAESP*

frentista, manicure, auxiliar de Pet Shop, entre outras. "Em geral, eles selecionam algum trabalho relacionado à empresa da família ou de amigos, o que é mais prático de articular", completa a professora.

Segundo Débora, esse método tem rendido bons resultados, pois, além de gerar a capacidade de se colocar no lugar do outro, faz com que os alunos – que ainda não têm experiência profissional – comecem a interpretar as situações de trabalho levando em consideração as pessoas e os aspectos que impactam no dia-a-dia delas. Passam a ser analisados pontos como as dores de quem trabalha o dia inteiro em pé ou fica exposto ao frio e à chuva, o risco de contrair uma doença ao coletar lixo ou material contaminado, a solidão e a indiferença enfrentadas pelos profissionais que sequer são notados durante suas atividades..."É muito interessante como os estudantes voltam da experiência. Por exemplo, após viverem um dia como porteiro – por quem passam todos os dias e, muitas vezes, não o percebem – passam a enxergá-lo de forma diferente. Outros estudantes trabalharam em uma fábrica, onde o barulho é intenso e as condições nem sempre são as melhores. Eles não tinham noção de como são essas realidades".

Para a professora, essa prática fará diferença na hora de entender e lidar com as pessoas e na formação dos alunos como sujeitos: "É importante levar as pessoas em consideração em uma empresa e, para entendê-las, é preciso conhecê-las, não só como indivíduos, mas no contexto social, econômico, político e histórico em que estão inseridas, pois são reflexos dessas influências. Por isso é importante que os alunos vivam isso".

COMPARTILHANDO A EXPERIÊNCIA

A atividade acontece em várias etapas. Primeiramente, o aluno escolhe uma profissão – isso

FOTO: ARQUIVO ALUNOS



Luiz Gustavo à esquerda na imagem



> Trabalhei em uma fábrica que produz equipamentos para caixa eletrônico. Fiquei na parte de controle de qualidade e minha função era colocar cilindros em um paquímetro e verificar se tinham o tamanho mínimo exigido para serem utilizados. No começo você fala: 'Isso é moleza!', mas depois se torna muito cansativo e repetitivo (chegou uma hora em que eu colocava duas peças ao mesmo tempo para acabar mais rápido). Senti bastante dor no ombro e nas costas, isso porque fiquei sentado! Tirando o calor, que era insuportável. Sentia vontade de fugir dali. Essa situação reflete bem o que é sofrimento no trabalho.
>
> *Luiz Gustavo Eburneo, aluno de Administração de Empresas na EAESP*

é feito individualmente para que cada um crie sua visão sobre a vivência. Depois ele entrega um relatório descritivo, colocando suas impressões sobre a experiência, como se estivesse imerso no cenário. O estudante também pode inserir suas percepções a respeito de outras pessoas envolvidas no contexto, como funcionários, colegas de trabalho e clientes. Depois, os alunos se reúnem em grupos e trabalham nas atividades vivenciadas para compor um blog, vídeo ou outra peça final, que deve articular as experiências com os conceitos vistos em sala de aula. Na primeira vez que a atividade foi realizada (1º semestre de 2013), os alunos elaboraram um blog e, nas duas seguintes, um documentário.

Dessa forma, é possível avaliar, disseminar e compartilhar com outras pessoas o conhecimento adquirido na Observação Participante.

PRIMEIRO A PRÁTICA, DEPOIS A TEORIA

Diferentemente de alguns métodos que apresentam primeiro a parte teórica e depois a prática, nessa disciplina os conceitos são trazidos após os estudantes realizarem a pesquisa de campo. Segundo Débora, a teoria é mais bem absorvida depois que os jovens vivenciam a experiência: "A ideia é colocá-los em contato com uma realidade que não conhecem para que possam interpretá-la. Até então, não tem teoria, eu quero a prática. Depois apresento os conceitos, que ficam mais claros na medida em que já observaram e viveram aquilo. Assim faz mais sentido para eles".

Além disso, um dos objetivos desse modelo é despertar o senso crítico para que os alunos possam refletir sobre o que foi visto, de modo que a professora apresenta mais questionamentos do que respostas. "A intenção é que eles não se conformem e não achem que as coisas são assim mesmo", conta Débora.

Fui desencartador de jornal em uma gráfica. Eu tinha que separá-los em duas pilhas diferentes, já que estavam um dentro do outro. É um trabalho muito chato, repetitivo, em que me senti muito isolado, porque tínhamos que usar protetores de ouvido devido ao barulho das máquinas. Também fiquei em pé durante horas e tive muita dor na coluna e nas pernas. Além disso, o trabalho é feito durante a madrugada, quando o jornal é montado.

Felipe Pagliato, aluno de Administração de Empresas na EAESP

O que mais me surpreendeu foi o nome dado às funcionárias que auxiliam nas atividades gerais do escritório: Gentis Organizadoras. É irônico, pois é como se estivessem fazendo uma gentileza.

Luiza Guimarães, aluna de Administração de Empresas da EAESP



FOTOS: ARQUIVO ALUNOS

Beatriz Zilli trabalhou pesado na fazenda

MAS E OS ALUNOS, APROVAM?

Quando questionada sobre a receptividade dos alunos em relação à Observação Participante, Débora diz que a maior parte gosta e tem um grande aprendizado com a vivência, pois assimila experimentalmente: "Ao fim da atividade alguns me dizem: `Essa técnica mudou meu jeito de olhar para tal pessoa que trabalha aqui há anos e eu não tinha percebido´, outros: `Isso me enriqueceu muito, deveríamos fazer mais vezes´. Eles também pedem outras referências e trazem material extra, como notícias que retratam o que falamos em sala de aula".

Do outro lado, parece que a técnica foi efetiva e aprovada pelos alunos. "O conteúdo fica mais palpável e o aprendizado se torna mais tangível quando relacionamos teoria e prática", conta Isabela Chusid, aluna de Administração de Empresas que cursou a disciplina.

Luiz Gustavo Eburneo relata ter se envolvido bastante com a matéria e diz que esse trabalho contribui muito para o lado pessoal e profissional dos estudantes: "Geralmente, não temos noção da realidade das pessoas, mas quando estamos na pele delas chegamos à conclusão do quanto é difícil. Gosto de atividades que me tirem do conforto, porque sinto que aprendo. Levarei isso para a vida, pois alguém que pretende estar na posição de um líder precisa conhecer as pessoas e saber o que elas esperam dele".

SAIBA MAIS:
Para conferir as experiências vividas pelos alunos, acesse a versão interativa da revista:
bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/ei

GVcasos

Revista Brasileira de Casos de Ensino em Administração

Primeira revista acadêmica do Brasil especializada na publicação de casos de ensino.

GVcasos é um periódico eletrônico da Fundação Getulio Vargas/Escola de Administração de Empresas de São Paulo, lançada por meio de parceria entre a *RAE-revista de administração de empresas* e o CEDEA - Centro de Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem. Seu objetivo é veicular casos de ensino para uso em cursos de Administração.

A **missão** da *GVcasos* é fomentar a produção e o uso de casos de ensino em Administração, contribuindo para a disseminação do uso de casos como metodologia de ensino e aprendizagem em cursos de graduação, pós-graduação, especialização e educação continuada.

Seu público-alvo é formado por professores e alunos de cursos de Administração, seja em nível de graduação, pós-graduação, especialização ou educação continuada

O conteúdo da *GVcasos* é composto de duas partes:

a) Conteúdo gratuito: casos de ensino nas diversas áreas da Administração, disponíveis para o público em geral. Esta parte do conteúdo é acessível gratuitamente.

b) Conteúdo gratuito e com controle de acesso, restrito a professores: formado pelas notas de ensino dos casos publicados.

A submissão de casos de ensino, acompanhados das respectivas notas de ensino, é aberta a colaboradores de modo geral e deve ser feita pelo sistema online da *GVcasos:* **www.fgv.br/gvcasos**.

A periodicidade da *GVcasos* é semestral, com publicação nos meses de abril e outubro.

Central de Relacionamento
São Paulo e grande São Paulo: + 55(11) 3799-7779 e 3799-7778
Demais localidade: 0800-16-2311
Fax: + 55(11) 3799-7871
gvcasos@fgv.br
www.fgv.br/gvcasos

FGV
EAESP



E O OSCAR VAI PARA...

COM DIREITO A SESSÃO DE CINEMA, ALUNOS DA FGV-EAESP PRODUZEM FILMES PARA EXPLICAR CONCEITOS DE MACROECONOMIA

Por Aline Lilian dos Santos

Grande parte das pessoas tem dificuldade de entender conceitos básicos de economia, bem como a sua complexa linguagem, o chamado "economês". A forma como essas informações são apresentadas, seja na mídia ou até na sala de aula, nem sempre possui elementos que facilitam o entendimento sobre importantes questões que regem nosso dia-a-dia.

Com o intuito de tornar o aprendizado mais didático e dinâmico, a professora Jolanda Ygosse Battisti, que ministra a disciplina de Macroeconomia Intermediária Aplicada aos alunos de graduação em Administração de Empresas da EAESP, propôs um jeito inovador de ensinar a matéria.

OSCAR DE MACROECONOMIA

A professora criou o "Video Report Awards em Macroeconomia", premiação que ficou conhecida como "Oscar de Macroeconomia". Esse método consiste, basicamente, em os estudantes produzirem um filme curto, com duração entre 5 e 10 minutos, explicando algum tema da macroeconomia.

As perguntas a serem exploradas no vídeo são definidas por Jolanda e distribuídas aos grupos por meio de sorteio – lembrando que os assuntos mudam a cada semestre. Dentre os diversos temas já abordados nos filmes estão: o impacto de uma política econômica no PIB, as causas da inflação, o custo do desemprego, o que gera crescimento econômico, a regra de ouro do consumo, política fiscal no Brasil, por que alguns países crescem mais rápido que outros etc.

Depois de definido o assunto que cada equipe irá trabalhar, os alunos começam a pesquisar e selecionar as informações mais relevantes para montar o roteiro, que será avaliado e corrigido pela professora. Uma vez que ele é aprovado, os estudantes começam a desenvolver o vídeo. "Eles têm liberdade de escolher o formato, podendo ser animação, entrevista, jornal, teatro, entre outros", conta Jolanda.

SESSÃO DE CINEMA COM PARTICIPAÇÃO ESPECIAL

No fim do semestre, a professora organiza o que chama de "sessão de cinema", em que os filmes produzidos pelos alunos são apresentados e julgados por um júri de profissionais da área. Por exemplo, no segundo semestre de 2013, o júri foi composto pelo economista Samuel de Abreu Pessoa, da FGV-RIO/IBRE, e pelo cineasta, roteirista, diretor e documentarista Paulo Pastorelo. No primeiro semestre de 2014, o economista e professor Paulo Picchetti, da FGV-EESP/IBRE, foi o convidado.

O papel do júri é avaliar, fazer comentários sobre os trabalhos e, no fim, votar qual produção merece o Oscar de Macroeconomia. Além da estatueta com o nome dos membros do grupo, a equipe vencedora ganha medalhas personalizadas, assim como o 2º e o 3º lugar, que também as recebem. A premiação acontece uma aula após a sessão de cinema e os vídeos são divulgados no Youtube.

A INSPIRAÇÃO

Em conversa com a *Ensino Inovativo*, Jolanda lembra como surgiu a ideia de propor um método de aprendizagem baseado em filmes: "Antes de vir para o Brasil, eu dava aula em uma universidade em Amsterdam, na Holanda, e lá fui convidada para fazer um programa de televisão sobre Economia Internacional. Fiz parte de uma equipe de professores de todo o mundo e nossa tarefa era contar os fatos para os produtores montarem os vídeos. Esse material também foi muito utilizado em colégios para fins educacionais, e, a partir daí, comecei a entender como o filme é um meio claro de entender a economia. Então, vi nessa disciplina a oportunidade de aplicar a técnica".

Ela completa ressaltando como a dinâmica da atividade contribui para o ensino: "Peço para fazerem um filme e eles aprendem economia. Eles gostam mais de fazer algo criativo do que estudar para uma prova e conseguem ilustrar visualmente um conceito, uma teoria. É difícil de fazer, mas é um grande aprendizado".

TALENTO E CRIATIVIDADE EM PRÁTICA

Segundo Jolanda, esse método tem o objetivo de envolver os alunos ativamente na matéria, fazendo com que apliquem e desenvolvam novas habilidades, tais como: pensar de forma criativa; trabalhar em equipe; pesquisar, sintetizar e apresentar informações e análises macroeconômicas de forma clara para o público, de modo que qualquer pessoa que não tenha contato com este segmento entenda o que está sendo passado.

BENEFÍCIOS DO MÉTODO

- Facilidade no entendimento da matéria
- Aprendizado prático
- Dinamismo e motivação
- Estímulo à criatividade
- Exploração de múltiplos talentos
- Produção de material
- Disseminação do conhecimento

FOTO: CAMILA FONTANA



Apresentação dos filmes produzidos pelos alunos

Sendo uma técnica que estimula a criatividade e ressalta os talentos dos graduandos, a professora se diz surpresa com os resultados do método que vem aplicando há quatro semestres: "A ideia é fazê-los pensar fora da caixa e deixar a criatividade fluir, o que gera novas perspectivas e resultados sobre os assuntos abordados. É interessante como os talentos dos alunos afloram nessa atividade. Alguns têm grandes habilidades, como desenhar e fazer belas animações, vejo filmes bem feitos, que explicam de forma clara e dinâmica o conteúdo. Eles estão me surpreendendo de forma muito positiva. Estou feliz com o resultado".

DECOREBA NÃO!

Quantas vezes os alunos estudam páginas e páginas para uma prova e no outro dia não se lembram de mais nada? Associar o conteúdo a imagens e animações que retratam uma situação aumenta a probabilidade do aluno fixar o conhecimento, de acordo com Jolanda: "Decorar a matéria para uma prova é muito superficial, a informação fica temporariamente na cabeça. Mas se trabalharem na produção de um filme é mais fácil de aprender. A mesma coisa acontece quando eles veem os vídeos dos colegas, muitas vezes você assiste um filme hoje e consegue lembrar daqui a 10 anos. Nosso papel é transmitir o conhecimento de forma que eles aprendam, não só para passar na prova, mas para fazer parte de suas vidas".

É POSSÍVEL APRENDER PRODUZINDO FILMES?

No ponto de vista dos alunos, sim. Apesar do desafio de explicar macroeconomia de modo a facilitar o entendimento do expectador, a inovação foi bem recebida, já que tornou o método de ensino mais participativo. "Tivemos que buscar informações, o que ajudou a assimilar o conteúdo. Também ficou mais fácil de aprender porque esse formato é próximo da nossa linguagem. É bom quando algum professor traz uma proposta diferente", ressalta Henrique Iwamoto, aluno de graduação em Administração de Empresas.

Julia Lune, da mesma turma de Henrique, dá destaque para os recursos gráficos que auxiliam na memorização: "As ilustrações e animações dos

FOTOS: CAMILA FONTANA









Jurado Paulo Picchetti avaliando os vídeos dos estudantes

filmes ajudam muito na absorção do conteúdo". Já para Gustavo Fernandes: "O vídeo torna a matéria mais interessante, porque é algo que você aplica a criatividade. Foi muito positivo".

Outro benefício é permitir que os alunos aprendam uns com os outros. "Foi muito eficaz para o aprendizado, não só fazer o vídeo, mas ver os dos nossos colegas, pois cada filme traz um tema importante da macroeconomia", diz o aluno Alexandre Figueiredo.

Fora os diversos benefícios e constante apoio e incentivo da professora – o que foi ressaltado várias vezes pelos alunos –, eles sugerem que seja reservado mais tempo para essa atividade. "O trabalho acabou ficando muito para o fim do semestre. Seria interessante começar antes e termos um pouco mais de tempo", opina Gustavo.

O método de avaliação nessa disciplina é dividido em cinco notas: laboratório, prova parcial, prova final, produção do filme e participação.

SAIBA MAIS:
Para conferir os vídeos produzidos pelos alunos, acesse a versão interativa da revista:
bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/ei

O PALCO É DELES

Além do Oscar de Macroeconomia, Jolanda também encontrou um método interessante para ensinar economia brasileira. Na disciplina The Brazilian Economy, que faz parte do IPM (International Program in Management) – um dos programas de intercâmbio da EAESP –, os alunos são os protagonistas do curso por meio de debates. "A participação dos estudantes é a base da disciplina. Muitos intercambistas que vêm estudar aqui me dizem que nunca fizeram um curso tão interativo. Eles ocupam o centro do palco, essa é a diferença", revela a professora.

Apesar de os alunos serem estrangeiros (a maioria), qualquer estudante da graduação pode cursá-la como eletiva. Alguns brasileiros escolhem essa matéria porque gostam de treinar o inglês ou desejam estudar em outro país, outros porque querem aprender o conteúdo a partir de uma perspectiva diferente, com a visão de um professor de fora. "As empresas demandam profissionais que saibam se expressar em línguas estrangeiras e expor suas ideias de maneira clara e convincente. Além de estimular a leitura sobre economia brasileira, o objetivo é tirar o aluno da "zona de conforto", fazendo-o escrever e debater em inglês", conta a professora.

O DEBATE

Com tópicos pré-estabelecidos por Jolanda, as quatorze aulas da disciplina (duas por semana) são divididas em: três preleções – a professora apresenta a economia brasileira em perspectiva histórica; duas atividades monitoradas – para os alunos organizarem o trabalho e preparar as discussões; e nove debates sobre os tópicos propostos, entre eles crescimento econômico, infraestrutura, sistema de educação e saúde, inflação etc.

Depois dos estudantes serem divididos em três grupos, os debates acontecem da seguinte forma:

- A professora disponibiliza artigos sobre os temas no eClass (sistema aluno on-line), nos quais os estudantes irão se basear para preparar os argumentos. Eles também são estimulados a pesquisar literaturas adicionais.
- Cada grupo assume um papel diferente em cada debate: um será a favor do tema proposto, outro será contra e o terceiro será o moderador.

O método é desenhado para que todos participem. Cada aluno exerce uma função diferente por debate, de modo que realize todos os papeis ao fim da disciplina:

- **Pesquisador:** fornece argumentos da literatura e dados aos colegas;
- **Debatedor:** realiza o discurso de abertura do grupo;
- **Aluno 1:** responsável por dar a réplica;
- **Aluno 2:** responsável por questionar os pontos levantados pelos debatedores do grupo que deu a réplica;
- **Aluno 3:** responsável por escrever um resumo do debate;
- **Aluno 4:** responsável por apresentar um resumo oral no fim do debate com os principais pontos abordados;
- **Moderador:** irá monitorar se os participantes estão seguindo as regras pré-estabelecidas;
- **Avaliador:** avaliará os alunos no debate.

"Dois alunos começam apresentando os argumentos a favor do tema. Em seguida, duas pessoas do outro grupo questionam. Logo depois, dois alunos do primeiro grupo rebatem os questionamentos com uma replica, e assim por diante. Assim, envolvo todos", explica a professora sobre a atividade. Geralmente, não há ganhador ou perdedor, a ideia é discutir e agregar conhecimento.

AUTOAVALIAÇÃO

Outra novidade é a forma de avaliação. "Eles recebem uma nota para cada papel e, além da minha avaliação, recebem nota dos colegas. Imagine que somos do mesmo grupo e vamos abrir o debate. Para isso, outros alunos do grupo precisam nos fornecer dados e argumentos. Então, vamos avaliar, numa escala de 1 a 5, se essas informações nos ajudaram ou não", conta Jolanda, completando que o seu papel nos debates é observar, fazendo intervenções e propondo *insights* quando necessário.

FOTO: CAMILA FONTANA



Professora Jolanda Battisti em aula

> Participar deste ambiente tornou as discussões mais interessantes e me possibilitou pensar mais profundamente sobre as questões levantadas, confrontando meu conhecimento e experiência com a visão de pessoas de diversos países. Esse formato deixou a aula muito dinâmica e informativa.

Terrance Balkaran, intercambista que cursou a disciplina em 2013

BENEFÍCIOS

Além de benefícios como aprendizado, motivação, aperfeiçoamento do inglês e contato com alunos do mundo inteiro, o desempenho dos estudantes nas provas é melhor quando comparado ao de outras turmas que não tiveram os debates. A professora destaca também o crescimento do poder de argumentação dos graduandos: "A opinião dos alunos passa a ser mais baseada em argumentos. A disciplina amplia o horizonte deles porque precisam apresentar argumentos nos quais não acreditam, ou seja, mesmo sendo a favor de um tema precisam defender a posição contrária, e vice-versa. Isso traz um grande aprendizado, porque permite que tenham contato com outros pontos de vista".

Os alunos também desenvolvem um relatório, que vira parte do artigo final. Além de refletir o debate, esse trabalho traz uma pesquisa mais aprofundada sobre os tópicos debatidos.

É COMPARTILHANDO QUE SE APRENDE

ENSINO COLABORATIVO ESTIMULA ALUNOS A PRODUZIR E DISSEMINAR O CONHECIMENTO

Por Aline Lilian dos Santos

Com o avanço da tecnologia, o *crowdsourcing*, modelo baseado na criação e compartilhamento do conhecimento por várias pessoas na internet, ganha cada vez mais força. Um grande exemplo disso é a Wikipédia, plataforma virtual em que os usuários podem compartilhar informações sobre qualquer tema, visando o benefício coletivo.

Esse modelo também foi refletido no método utilizado pelo professor Alexandre Pignanelli para ensinar Gestão de Redes de Suprimentos aos alunos de graduação em Administração de Empresas da FGV-EAESP no segundo semestre de 2013.

VÁRIAS CABEÇAS PENSAM MELHOR DO QUE UMA

Com a intenção de substituir a prática convencional de ensino (aulas expositivas e trabalhos) pela criação coletiva de conhecimento, Alexandre propôs o que chamou de "Experiência Wiki". Para a realização dessa atividade, foram selecionados



três temas do conteúdo programático sobre os quais os alunos deveriam pesquisar e selecionar as informações para, em conjunto, elaborar artigos (verbetes) no formato da Wikipédia, incluindo seções, imagens, quadros, vídeos, citações, referências, links internos e externos, entre outros componentes. "A inovação está na forma de passar o conteúdo. O objetivo era produzir uma experiência que fugisse do modelo tradicional e sugerir algo mais compatível com o estilo de vida deles. Algo que estimulasse o envolvimento com a matéria e a produção colaborativa do conhecimento", explica Alexandre.

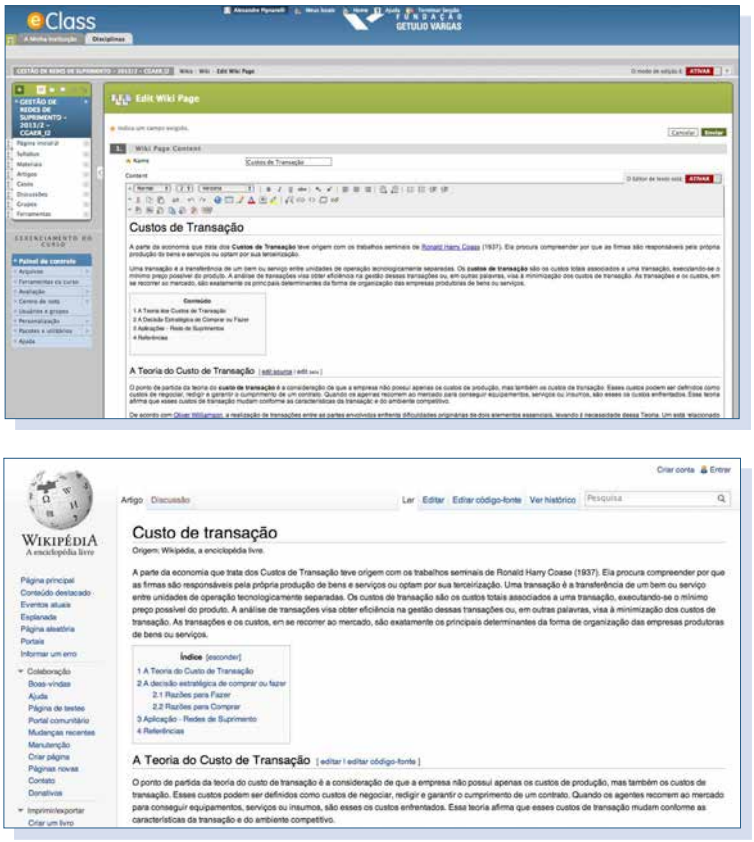
SEM A AJUDA DO PROFESSOR

Ao propor a dinâmica, Alexandre informou que não daria aulas expositivas sobre os assuntos explorados na atividade, tanto para manter o espírito da Wikipédia – dando liberdade para os alunos mexerem – como para não deixá-los na expectativa de que o professor consertaria o conteúdo depois. Desta forma, o aprendizado resultaria da colaboração de cada um na criação dos verbetes.

Além disso, Alexandre não indicou qualquer bibliografia sobre os temas. "Eles tinham que escrever um artigo sobre cada assunto, mas fiz questão de não falar nada, pois a busca por referências relevantes fazia parte do trabalho de pesquisa", conta o professor.

FERRAMENTA WIKI

Caso o trabalho fosse realizado diretamente na Wikipédia, Alexandre teria dificuldade de identificar o quanto e de que forma os alunos contribuíram com os artigos. Por isso, ele utilizou o *software* Wiki, da plataforma virtual de aprendizagem eClass, utilizada pela Escola. O *software* permite que o professor acompanhe a contribuição de cada estudante, pois traz informações como histórico de versões produzidas, modificações, páginas salvas, palavras incluídas, apagadas e alteradas, e perfil de colaboração em cada verbete. "Com os recursos que a Wiki oferece, consigo monitorar quem está colocando mais conteúdo, editando os verbetes... Assim, é mais fácil avaliá-los", conta Alexandre.



Verbetes criados pelos alunos no eClass e na Wikipédia

DEFININDO AS REGRAS

Para a realização da atividade, primeiramente o professor realizou um bate-papo com os estudantes, e, para a sua surpresa: "Percebi que muitos não sabiam que qualquer pessoa pode editar os artigos da Wikipédia. Acessei o site na frente deles, comecei mexer nos textos e muitos ficaram surpresos".

Depois, ele dividiu a sala em três grupos e distribuiu os assuntos. Os alunos poderiam se alocar em qualquer grupo e colaborar com o tema que mais se identificassem, mas com uma ressalva: "Apesar da contribuição ser livre, ressaltei que não haveria aulas expositivas sobre esses assuntos, mas que também cairiam na prova. A intenção era que colaborassem com todos os temas, e, se trabalhassem mais em um deles, teriam que estudar os demais lendo os artigos produzidos pelos colegas", revela o professor.

Outra maneira de estimular os estudantes a colaborar com os assuntos foi a forma de avaliação.

WIKIPÉDIA COMO FERRAMENTA DE ENSINO

A Wikiversity, que também faz parte do grupo Wikimedia, tem interesse em criar algo semelhante à Wikipédia, mas com conteúdos acadêmicos e científicos. Por isso, a empresa tem a intenção de se aproximar das escolas e universidades, incluindo a FGV-EAESP, por meio do Centro de Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem (CEDEA).

Nas ações promovidas pela Wikiversity – assim como propôs o prof. Alexandre Pignanell – há professores em todo o mundo utilizando a Wikipédia como forma de ensino, incentivando os estudantes a pesquisar, escrever e traduzir artigos, e a selecionar verbetes pobres em interatividade e inserir fotos, vídeos, áudios, entre outros elementos que enriqueçam a oferta do conhecimento.

Para mais informações acesse **educacao.wikimedia.org**

"Dei duas notas: uma individual, de acordo com o grau de participação do aluno, e outra referente à qualidade de cada verbete, sendo que esta seria igual para toda a sala, independentemente se o estudante contribuísse ou não com o tema, isto é, sua nota depende da contribuição dos colegas, assim como a deles depende da sua. Isso tem tudo a ver com o espírito da criação colaborativa".

UM POR TODOS E TODOS POR UM!

Após algumas semanas de trabalho, o professor realizou um novo encontro para acompanhar o andamento da atividade. O resultado foi muito interessante, segundo ele: "Como eles não têm contato com a cultura Wiki e quase não realizam trabalhos colaborativos, acabaram incluindo muita informação, o que deixou os artigos repetitivos e confusos. Sabendo que eu estava monitorando, eles pensavam que eu daria a maior nota a quem colocasse mais conteúdo, o que não aconteceu, pois avaliei a qualidade do artigo final".

Além disso, o professor ressalta que os estudantes não costumam desconstruir o trabalho dos colegas, o que no ambiente da Wikipédia é comum, porque o que interessa é o produto final. O que eles não entenderam claramente, em um primeiro momento, é que Alexandre não avaliava apenas o acréscimo de informações, mas também as alterações, inclusão de novas mídias etc.

Com as discussões em grupo, criou-se uma estruturação para o trabalho, já que os alunos passaram a dividir as atividades, potencializando a habilidade de cada um. "Eles perceberam que não ia dar certo daquele jeito. Então, começaram a se especializar: um formata, outro edita, outro faz o vídeo... O desempenho deles melhorou muito, porque a carga de trabalho foi diluída, a atividade ficou mais produtiva e aprenderam uns com os outros", afirma Alexandre.

COMPARTILHANDO O CONHECIMENTO

Depois de finalizarem os textos, os estudantes postaram os verbetes na Wikipédia. Alexandre também não influenciou na migração dos artigos para a plataforma, reforçando a ideia de que não cabe o professor definir uma versão correta em um trabalho colaborativo. Existiria a melhor versão produzida pelos alunos, cujos pontos a serem melhorados seriam modificados pelos usuários da própria Wikipédia. "Depois que eles postaram os verbetes, uma pessoa – que não conhecemos – apagou boa parte deles porque estava redundante com outros artigos do site. Esse é o espírito do negócio!", reforçou Alexandre.

Além disso, o verbete ser publicado na Wikipédia traz uma sensação de realidade aos alunos, permitindo que vejam sentido na atividade e contribuam

> Esse método foi efetivo para o meu aprendizado. A adoção desse modelo sinaliza um movimento no sentido da aplicação de novas tecnologias no ensino.

Guilherme Franco, aluno de graduação em Administração de Empresas na EAESP

para o aprendizado de mais pessoas. "O produto final se torna completo e tem mais utilidade prática para o mundo externo, o que diminui a sensação de que os trabalhos são descartáveis, como acontece no método tradicional", explica o professor.

Do lado de quem viveu a experiência Wiki, a opinião é compartilhada: "O que me motivou nesse projeto foi sentir que o conhecimento produzido estaria acessível a todos, diferentemente dos relatórios que são entregues aos montes e acabam engavetados", diz o aluno Guilherme Franco.

ACOMPANHAMENTO

Apesar de não interferir na produção de conteúdo, o professor fez um acompanhamento da atividade, atentando-se ao aprendizado dos estudantes. Dessa forma, logo depois de divulgar a nota da qualidade de cada artigo, Alexandre lhes dava um *feedback*, orientando sobre o que precisariam melhorar em termos de conteúdo e formato. "Alguns colocaram dados sem citar a fonte, outros repetiram informações do artigo, mas nos foram dadas oportunidades de revisar e lapidar o verbete, deixando-o com mais qualidade e gerando maior aprendizado", explica Guilherme.

BENEFÍCIOS

Segundo Alexandre, esse método dá certo principalmente por engajar os jovens: "Muitos alunos estão cansados dos modelos tradicionais. Quando você propõe algo diferente, em que veem aplicação prática, isso os motiva. Eles também podem usar o aprendizado para outros fins, como editar a Wikipédia para colaborar com seu clube, com sua área de atuação. Além disso, eles começam a ver utilidade não só no conteúdo, mas também na tecnologia".

Entre os demais benefícios estão a ampliação do conhecimento e o estimulo à pesquisa: "Se o aluno copia o conteúdo de algum lugar, aparece no sistema antiplágio ou alguém pega na Wikipédia. Se ele inventa, alguém apagará, porque ficará péssimo. Não tem outra forma de fazer", lembra o professor. Além disso, a carga de trabalho necessária para o mesmo grau de aprofundamento na disciplina é menor, o que ajuda nos semestres em que os graduandos cursam de oito a nove matérias ao mesmo tempo.

PARA ALÉM DA SALA DE AULA

Segundo Alexandre, alguns alunos que, inclusive, não sabiam como a Wikipédia funcionava, gostaram tanto da proposta que se tornaram editores do site depois da experiência. "Quando consulto a Wikipédia procuro atualizar e corrigir informações. Após finalizar alguns trabalhos para a faculdade, crio novas páginas para tratar desses temas", conta Guilherme.

TIRANDO A PROVA

"A inovação pela inovação é legal, mas será que funciona?". Essa foi a pergunta que motivou Alexandre a analisar a efetividade da dinâmica. "Coloquei seis questões na prova, três referentes aos assuntos explorados na experiência Wiki e três referentes aos assuntos que ministrei do modo tradicional. Fiz uma nota média de ambos os modelos e o desempenho dos alunos no método em que o conteúdo foi produzido e estudado via Wiki foi superior ao recebido pelo modelo tradicional", conta o professor.

A técnica também foi comparada ao desempenho de outras turmas que aprenderam o conteúdo exclusivamente por meio do método convencional. As provas foram iguais e o resultado para quem realizou a experiência Wiki também foi superior.

SAIBA MAIS:
Veja os verbetes criados pelos estudantes na Wikipédia em:
bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/ei

FOTO: CAMILA FONTANA



MÃOS À OBRA!

A DOSAGEM CERTA ENTRE EXPERIÊNCIA E PRÁTICA FACILITA O ENGAJAMENTO DOS ALUNOS NA DISCIPLINA E ESTIMULA A APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS NAS SITUAÇÕES DO DIA-A-DIA

Por Aline Lilian dos Santos e Ana Paula Yokoyama

Levar aos alunos do curso de graduação em Administração de Empresas toda a complexidade dos conceitos relacionados ao modelo do funil de inovação e ao gerenciamento de produtos, durante as aulas de Gestão de Operações, não é uma tarefa simples.

Desta forma, Luis Henrique Vasconcelos, um dos professores que ministra a matéria, sugeriu levar para a sala de aula um método que utilizava quando era engenheiro de qualidade na Volkswagen: a dinâmica QFD (*Quality Function Deployment*), que consiste no desenvolvimento de um produto e a aplicação de técnicas para melhorar a sua qualidade. O método foi aprimorado com o auxílio do Centro de Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem (CEDEA) da FGV-EAESP e vem sendo aplicado por Luis em parceria com a equipe de professores da disciplina: Julio Figueiredo e Susana Pereira. "Na Volkswagen, eu cuidava do treinamento e desenvolvimento dos funcionários da área de qualidade. Então, adaptei alguns detalhes e trouxe essa dinâmica para a FGV. Pensei: `Como eu poderia ensinar o processo de desenvolvimento de um

FOTO: CAMILA FONTANA



Professora Susana Pereira explica a dinâmica para a sala

> Nada melhor do que vivenciar o problema. Esse modelo em que o professor expõe o conteúdo como se fosse algo quase unidirecional está esgotado.
>
> *Luis Henrique Vasconcelos, professor da FGV-EAESP*

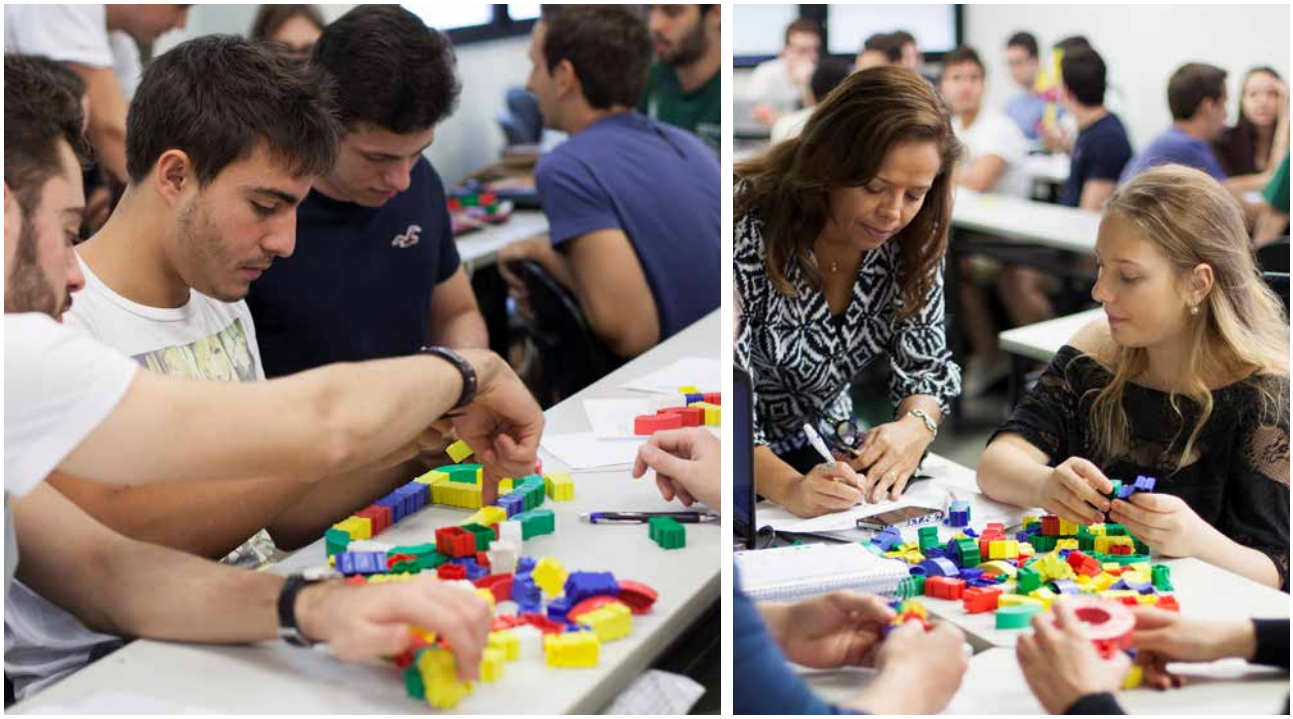
produto de uma forma compreensível aos alunos?´ Fazer isso utilizando slides não seria uma boa ideia, eles precisavam vivenciar aquilo para entenderem. Gosto muito dessas atividades mais participativas, mais mão na massa", explica Luis.

ENTENDENDO A PROPOSTA

Alguns dos desafios de quem vai transmitir conhecimento sobre gerenciamento de produtos surge na hora de falar a respeito da criação do produto, da avaliação do protótipo, da adequação aos desejos do consumidor e, por fim, da realização de melhorias na peça. É justamente aqui que se encaixa o método de ensino sugerido.

Para entender melhor a técnica, o professor Júlio Figueiredo, que também ensina a disciplina, conta que para desenvolver um produto normalmente adota-se o modelo do funil de inovação, ou seja, o profissional começa com algumas ideias, aplica um filtro, gera conceitos, aplica outro filtro, até chegar a um protótipo. Essa peça vai passar por testes junto ao público-alvo para que sejam identificados possíveis problemas ou necessidades de adaptações. Nessa situação, o produto passa pelo QFD, uma ferramenta

FOTOS: CAMILA FONTANA



Alunos trabalham na montagem dos porta-lápis

> O mais interessante é que, com a dinâmica, torna-se muito clara para os alunos a maneira como o mercado se comporta e como acontece a evolução dos produtos e dos segmentos.
>
> *Julio Figueiredo, professor da FGV-EAESP*

que tem como principal função auxiliar os projetistas a melhorá-lo. "Gestão de qualidade é a aplicação de ferramentas e metodologias para chegar a um resultado mais facilmente. A dinâmica QFD é isso. Utilizando um método de desenvolvimento de produto você tem mais chance de sucesso", complementa Luis sobre a atividade proposta.

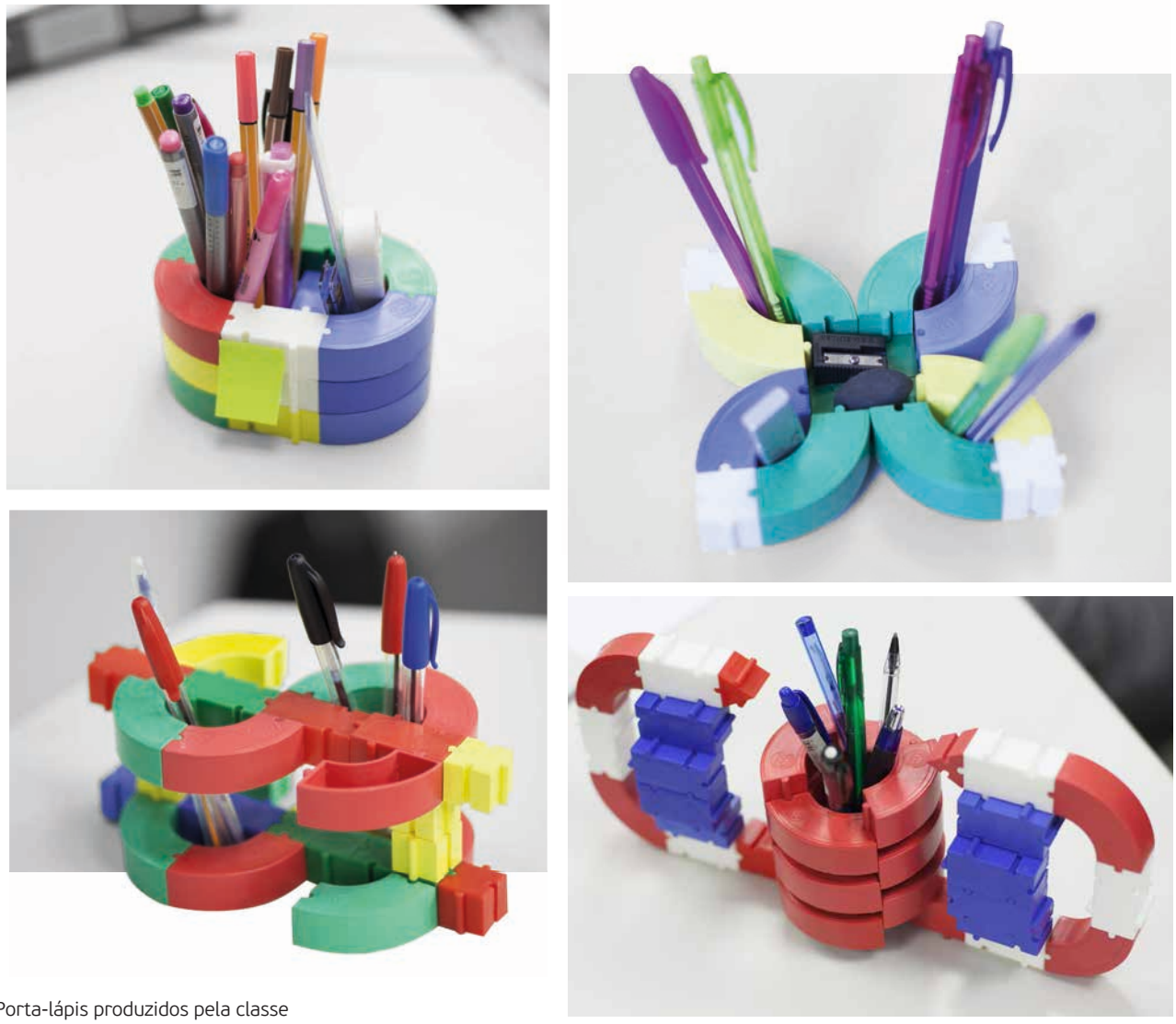
ALUNOS EM AÇÃO: A DINÂMICA

De acordo com o professor Luis, os alunos são divididos em grupos, que recebem um balde com blocos de montar de cores e tamanhos diferentes. Tem-se uma planilha de valores com o custo de cada peça, que varia de acordo com o formato e número de pinos – as retas são mais baratas e as curvas mais caras. A partir disso, os estudantes devem construir um porta-lápis obedecendo aos pré-requisitos: acomodação de pelo menos cinco canetas, adequação do produto às necessidades do consumidor e precificação compatível.

Na etapa seguinte, os alunos tornam-se consumidores e avaliam as características dos produtos elaborados. Cada um deve apontar qual porta-lápis compraria e justificar sua escolha, indicando pelo menos três atributos e sugerindo melhorias. O estudante também deve indicar qual não compraria e especificar os motivos.

Ao fim da apuração, são eleitos os dois melhores protótipos. Nesse momento, iniciam-se as discussões de *benchmarking*, em que os estudantes análisam diversos aspectos e comparam requisitos entre o projeto inicial e o produto final,

FOTOS: CAMILA FONTANA



Porta-lápis produzidos pela classe

cruzando as informações. Depois, por meio de uma média ponderada, é possível identificar os pontos de aperfeiçoamento. Em seguida, cada grupo trabalha em melhorias no seu respectivo protótipo.

Segundo o professor Julio, no início da atividade, os alunos não sabem qual rumo a dinâmica tomará. "Eles acabam criando o porta-lápis do jeito que acham que deve ser. Depois do *benchmarking*, eles têm a real dimensão dos conceitos que precisavam absorver para entender o conteúdo. Aprendem na prática" avalia.

NA PRÁTICA: VANTAGENS DA DINÂMICA

"O mais interessante é que, com a dinâmica, torna-se muito clara para os estudantes a maneira como o mercado se comporta e, principalmente, como acontece a evolução dos produtos e dos segmentos", afirma Julio.

Ainda de acordo com o professor, é muito mais fácil assimilar conceitos relacionados a algo já vivenciado, que tenha um significado para o aluno: "Esse é o fundamento da Aprendizagem Significativa, que buscamos embutir em nossas aulas".

FOTOS: CAMILA FONTANA





Grupos apresentam seus produtos

O QUE É APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA?

Essa teoria, amplamente utilizada na dinâmica QFD, foi criada por David Ausubel, famoso psicólogo da educação. Consiste no processo de aprendizagem em que o novo conhecimento relaciona-se com o conhecimento que o aluno já possui. Ele aprende com maior facilidade na medida em que a nova informação tem significado e relação com algo que ele já sabe, a sedimentação desse conhecimento é mais eficiente. Se introduzirmos um conceito que não tenha conexão direta com a sua vida, há maior esforço de aprendizagem.

Na dinâmica: Porque é difícil ensinar QFD sem a dinâmica? Porque os alunos nunca preencheram uma planilha de QFD. Não tem significado para eles. Somente depois que vivenciam o problema e criam um envolvimento, dando sugestões de melhoria para o produto, apresenta-se a ferramenta, que passa a ter significado no projeto que estão desenvolvendo.

PARA SABER MAIS:

- *Aprendizagem Significativa - A Teoria de David Ausubel*. Elcie F. Salzano Masini e Marco Antonio Moreira. Editora Centauro. 2006.

- *Situações Práticas de Ensino e Aprendizagem Significativa - Col. Formação de Professores*. Jorge Santos Martins. Editora Autores Associados. 2009.

"Para aprender a preencher uma planilha de QFD, nada melhor do que vivenciar o problema e saber como agir, ao invés de apenas observar o professor comentar sobre o assunto. Esse modelo em que o professor expõe o conteúdo como se fosse algo quase unidirecional está esgotado. Além disso, é uma aula mais participativa, em que eles ficam entusiasmados, tornando o período em sala menos enfadonho", analisa Luis. O método também estimula a criatividade e leva os alunos a pensarem em diferentes maneiras de elaborar e avaliar os produtos.

AVALIAÇÃO DA METODOLOGIA

Para Daniel Felisoni, que já frequentou as aulas de Gestão de Operações e participou da dinâmica QFD, o método de ensino aplicado produz excelentes resultados: "O professor sempre foi muito eficiente em balancear teoria e aplicação de exercícios, mantendo os alunos engajados. Tratando-se de aulas de quatro horas, é essencial que se quebre o ritmo de vez em quando, eliminando a monotonia que costuma atrapalhar as disciplinas de aulas duplas. Quanto mais trabalharmos com a mão na massa, melhor!".

FOTOS: CAMILA FONTANA





Estudantes avaliam os porta-lápis



Alunos sinalizam atributos e defeitos dos produtos para aprimorá-los

Felisoni foi da turma em que Luis ministrou a disciplina.

Ele também afirma que a valorização da experiência, fazendo com que o estudante participe ativamente do que lhe está sendo apresentado, permite melhor assimilação da matéria: "Acho que o aprendizado está diretamente ligado ao envolvimento do aluno com o conteúdo e à forma como as informações são expostas. Ao trazerem o abstrato da teoria para o cotidiano, aplicar exercícios tangíveis e apresentar exemplos reais, os professores ampliam a possibilidade de aprendizado e permitem que os alunos apliquem os conceitos em situações do cotidiano".

AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA

De acordo com os professores, as avaliações incluem dinâmicas (entre elas a QFD); exercícios e simulações; um trabalho prático, que é a aplicação dessas técnicas em um estudo de caso real; e duas provas, uma intermediária e uma final. A parte prática vale 30% da nota e as provas 70%.

FOTO: ARQUIVO ALUNOS



QUEBRANDO OS MUROS SOCIAIS

COMO A TROCA DE EXPERIÊNCIAS PODE ALTERAR VISÕES DE MUNDO E SER UM PODEROSO INSTRUMENTO DE APRENDIZADO

Por Aline Lilian dos Santos

No Brasil, realidades sociais totalmente diferentes convivem no mesmo espaço. Mas, apesar de compartilharem algumas ideias, esses diversos cenários dificilmente se misturam. Como fazer com que esses mundos se aproximem e colaborem entre si?

Pensando nisso, a FGV-EAESP instituiu a disciplina eletiva Negócios de Impacto Social (NIS) para o curso de graduação em Administração no 1º semestre de 2013. Segundo o professor Edgard Barki, criador da matéria, ela tem como principal foco quebrar os muros sociais, aproximando estudantes da Escola e jovens de Heliópolis, bairro localizado na zona sul de São Paulo.

PARCERIAS DE SUCESSO

Para a viabilização do NIS, realizou-se uma parceria com o projeto Coletivo Coca-Cola, plataforma de negócios sociais do Instituto Coca-Cola, juntamente com a Vompar Bebidas e a Artemisia, uma

das principais organizações provedoras de projetos sociais no Brasil. "A parceria com a Artemísia foi fundamental para gerenciar a reação dos alunos e jovens de Heliópolis quando eles têm de trabalhar juntos. Ela direciona os grupos e promove essa união de forma que a relação flua naturalmente. Já a Coca-Cola foi fundamental para a nossa entrada na comunidade, pois já atuavam lá com o projeto Coletivo", explica Barki.

CONVIVÊNCIA COM O OUTRO

A inovação proporcionada pela disciplina é a realização de atividades que promovam a integração dos dois públicos. Durante uma semana, os alunos da EAESP vão a Heliópolis, onde interagem com os moradores e acompanham suas atividades. A partir disso, formam-se grupos mistos – com estudantes da Escola e jovens da comunidade que participam do Coletivo – para trabalharem em projetos envolvendo questões que impactam o dia-a-dia de quem vive em Heliópolis.

De acordo com Barki, o grande benefício dessa experiência é a quebra de preconceitos e barreiras sociais. A convivência com pessoas que geralmente não fazem parte do mesmo meio traz novas perspectivas e grandes aprendizados para todos: "A realidade da maioria dos alunos é muito diferente da realidade da comunidade. O jovem de Heliópolis e o estudante da GV têm pré-conceitos um em relação ao outro, e nessa atividade o outro lado serve para o outro lado. Por isso a ideia de quebrar esses muros sociais, mostrando que, apesar das diferenças, todos são jovens com sonhos semelhantes".

VIVENDO A EXPERIÊNCIA

Na primeira edição da disciplina, a proposta era criar iniciativas que trouxessem melhorias aos empreendimentos de Heliópolis. Entre os negócios selecionados estavam um pet shop, um supermercado, uma loja de roupas, uma produtora de eventos, uma doceira e a rádio comunitária. O objetivo era visitar os empreendimentos e auxiliar no plano de negócios, dando orientações sobre distribuição dos produtos nas prateleiras, controle das finanças, estoque, divulgação etc. "Buscamos dar dicas que estivessem ao alcance dos empreendedores. O resultado foi muito bom, porque eles puderam colocar em prática o trabalho desenvolvido pelos grupos, trazendo uma oportunidade de crescimento aos negócios", comenta Marcelo Falciano, aluno do curso de Administração Pública da EAESP.

> **"Queria que os alunos sentissem a dinâmica da comunidade e, a partir dessa vivência, fazê-los pensar fora da caixa e perceber que existem outras realidades para se trabalhar.**
>
> *Edgard Barki, criador do programa Negócios de Impacto Social*

NEGÓCIOS SOCIAIS

São empreendimentos que utilizam mecanismos de mercado para criar um impacto social positivo. Autossustentáveis financeiramente, têm como objetivo diminuir a vulnerabilidade social das pessoas.

Ainda de acordo com Marcelo, apesar de algumas pessoas estarem receosas em receber os alunos, essa barreira foi quebrada por meio do aprendizado mútuo: "Fizemos um alinhamento para mostrar à comunidade que a intenção do programa é que todos aprendam, não nós da GV chegarmos como detentores do conhecimento e resolvermos tudo. Aprendemos com eles e eles conosco".

Para Régis Foge, educador do projeto Coletivo, o programa foi um grande diferencial para ambas as partes: "Todos trabalharam com muita vontade de ajudar e aprender. O conhecimento deve se multiplicar e todos puderam compartilhar e adquirir novos aprendizados".

Na segunda edição da disciplina, o tema do projeto mudou. Os grupos tinham que desenvolver negócios relacionados aos problemas sociais da comunidade e pensar em iniciativas para amenizá-los. Depois de conversar com a população, eles levantaram questões como gravidez precoce, bailes funk nas ruas, geração de renda para jovens, dificuldade de entretenimento local e

FOTOS: ARQUIVO ALUNOS



Alunos da EAESP e jovens de Heliópolis interagem e trabalham juntos por melhorias na comunidade

BRAZIL CASE COMPETITION

Em janeiro de 2014, aconteceu na FGV-EAESP o primeiro Case Competition do mundo sobre negócios sociais. O evento reuniu estudantes de onze universidades dos cinco continentes e abordou cases de empresas como Geekie e Telefônica.

sustentabilidade financeira da rádio comunitária. A ideia era que eles propusessem novas abordagens que pudessem ser trabalhadas posteriormente por Heliópolis. "Fomos estimulados a andar pela comunidade, conversar sobre o que mais incomodava os moradores e pensar em soluções. O interessante é que, quando falamos em comunidade, pensamos em dificuldades relacionadas à saúde, educação e infraestrutura, mas a maioria dos temas levantados englobava a questão social e de propósito de vida. Assim, as iniciativas propostas foram: uma festa diferenciada, sem bebidas; um negócio em que os moradores pudessem explorar sua veia artística por meio do grafite, estampando camisetas para vender e transformando isso em renda para a comunidade; e a criação de centros para capacitar grávidas e jovens, trazendo conhecimento sobre prevenção e outros aspectos da área da saúde", explica Gabriela Torquato, aluna do curso de Administração de Empresas na EAESP.

A estudante também ressalta que ficou surpresa com a harmonia entre alunos e jovens de Heliópolis durante o projeto, respeitando-se e buscando entender o ponto de vista do outro: "Em geral, a gente se fecha por preferir caminhos conhecidos, mas todos foram muito abertos. Não conhecer a realidade do outro permite que a pessoa se baseie em preconceitos, mas quando ela vive a experiência, consegue uma maior sinergia".

TRANSFORMAÇÃO E RECONHECIMENTO

Durante o contato com os membros de Heliópolis, o que mais chamou a atenção de Gabriela foi a falta de perspectiva de um futuro melhor por

parte dos jovens. Por isso, o projeto procurou contribuir para uma mudança de pensamento na comunidade: "Infelizmente, não víamos aquele sentimento de 'Eu acredito que posso transformar a minha realidade´. Isso também valeu para os alunos da GV, que enxergaram o quanto podem contribuir para a sociedade de outra forma, pois começaram a se questionar: 'Como vou usar meu conhecimento como administrador? Vou me fechar em um escritório ou buscar outros caminhos?'"

O resultado é um processo de transformação dos participantes: "Vejo a reação dos jovens quando vou a Heliópolis e sinto que fizemos diferença, que o projeto tocou seus corações. Não tem resultado melhor. Um bom exemplo é o caso de uma menina que trabalhou com o tema de gravidez precoce. Ela tinha 26 anos e 4 filhos. Depois da experiência, passou a se valorizar mais e a perceber sua importância na formação dos filhos", explica Barki.

APRENDIZADO

Mais do que tirar os estudantes da sala de aula, a disciplina traz grande aprendizado por meio da troca de experiências. "Essa oportunidade é muito rica para os alunos, já que vivem uma experiência diferente em um ambiente universitário pouco diverso", conta o professor.

O NIS foge do método tradicional de ensino, substituindo as aulas expositivas por conversas que permitem aos alunos debaterem e refletirem sobre o tema. "O professor coloca lenha na fogueira e incentiva questionamentos, já que os assuntos são polêmicos e geram discussão. É muito interessante entrar em contato com diferentes visões", conta Gabriela, que aproveita para fazer uma sugestão para a disciplina: "Acho interessante aprofundar o processo de formação do aluno antes de ir para a comunidade. Surgem questões como: `O que vamos fazer lá?´, `Como será?´. Isso foi proposital para não criarmos expectativas (o que é ótimo), mas é preciso estar aberto para vivenciar e absorver a experiência. O desafio é cutucar os estudantes para se abrirem e olhar para dentro de si, assim estarão preparados para conviver com pessoas de qualquer lugar".

PERSPECTIVA DE FUTURO

A experiência também traz aos graduandos uma nova perspectiva de negócios baseados em um modelo mais inclusivo e mostra como a interação com o público de baixa renda pode ampliar a visão dos estudantes, permitindo que estejam mais bem preparados para atuar em ambientes com maior diversidade e complexidade. A disciplina tem atraído muitos alunos pelo fato de a área de negócios sociais estar em expansão e ser uma alternativa de carreira: "O objetivo é permitir uma experiência diferenciada e abrir os olhos dos estudantes para outras possibilidades de atuação. O potencial dessa área atrair profissionais é grande e tem muita gente trabalhando no setor. É a ideia de como você pensa a questão social, não como responsabilidade social, mas como um negócio que pode dar dinheiro", explica Barki.

Ele ainda ressalta que um grupo de professores da FGV, USP, INSPER e SENAC tem se empenhando em criar iniciativas nessa área, sendo que INSPER, USP e GV já possuem disciplinas sobre negócios sociais.

É PRECISO ENGAJAMENTO

Para participar da disciplina, os estudantes devem se inscrever e mandar um vídeo explicando porque gostariam de trabalhar no projeto, pois geralmente o grupo é formado por cerca de vinte alunos.

"Diferentemente de outras disciplinas, o melhor aluno para essa matéria não é necessariamente o que tem as melhores notas. Quero estudantes engajados, mais do que qualquer coisa", afirma Barki, ressaltando que o fator determinante para a seleção dos participantes é o "brilho nos olhos" .

A disciplina foi suspensa no primeiro semestre de 2014, devido ao calendário adaptado à Copa do Mundo, mas voltou com força total no segundo semestre.

NÚCLEO DE NEGÓCIOS DE IMPACTO SOCIAL

Em setembro de 2014, o Centro de Estudos em Empreendedorismo (GVcenn) criou o Núcleo de Negócios de Impacto Social com o objetivo de pesquisar, gerar e disseminar conhecimento nessa área.

MARATONA DE ESTATÍSTICA: DESAFIO TESTADO E APROVADO

MANTENDO A MOTIVAÇÃO PARA ENFRENTAR OITO HORAS DE AULAS SEMANAIS SOBRE UM ASSUNTO COMPLEXO

Por Aline Lilian dos Santos e Ana Paula Yokoyama

Coleta, análise e interpretação de dados são apenas algumas atividades ligadas à Estatística e às Oficinas Instrumentais de Estatística . Repleta de ferramentas para a avaliação de fenômenos de diversas naturezas, a disciplina costuma ser encarada pelos alunos do curso de graduação em Administração Pública da FGV-EAESP como um verdadeiro bicho de sete cabeças.

O cenário se tornou ainda mais temido quando as aulas foram concentradas em dois blocos de quatro horas por semana ao longo de um semestre. O modelo anterior consistia em duas horas semanais durante todo o ano.



FOTOS: CAMILA FONTANA



Aula de Estatística na EAESP

DESMISTIFICANDO OS NÚMEROS

O desafio, segundo Eduardo Francisco, professor que ministra a disciplina, é manter os alunos motivados a trabalhar com informações e dados complexos, mesmo com esse ritmo intenso. Dividiu-se, então, o curso em duas partes. A primeira é formada por aulas teóricas de Estatística e a segunda por Oficinas, em que os conceitos são colocados em prática. "Optamos pela divisão, mas ela não é rígida. Inclusive, as avaliações são feitas em conjunto. No fundo, funciona como uma aula só", explica o professor.

Ele também ressalta que a abordagem acontece de acordo com o tema estudado. Em uma aula é possível que os estudantes recebam as informações teóricas e partam para a prática quase ao mesmo tempo. Há o cuidado de garantir um intervalo de trinta minutos para que os alunos possam refletir sobre o conteúdo e descansar.

ASSIMILANDO E FIXANDO O CONTEÚDO

O objetivo principal da matéria é fazer com que os estudantes desenvolvam a prática do pensamento estatístico na gestão pública. Para alcançar essa meta, a disciplina foi construída de maneira que os alunos sejam capacitados a avaliar desde aspectos de visão crítica – como descrever, interpretar e analisar dados apresentados pela mídia e os conceitos intrínsecos a essas pesquisas – até situações mais complexas da Estatística – como testes de hipóteses e análise de regressão multivariada. "Começamos com a parte mais conceitual e depois aprofundamos os temas. Discutimos exemplos relacionados à área de Administração Pública, mas utilizando conceitos globais da disciplina", afirma Eduardo.

Para a aluna Talita Hernandes Borges, o método de ensino adotado na disciplina foi muito bom. Na avaliação dela, aulas de quatro horas representam um grande desafio para o professor, especialmente no que diz respeito à atenção dos estudantes. "Proporcionar momentos teóricos e com exercícios práticos facilita a interação dos alunos com a aula, diminuindo as chances de dispersão da classe e promovendo o aprendizado da matéria", avalia.

FOTO: CAMILA FONTANA



Professor Eduardo Francisco explicando a matéria

Uma grande preocupação da coordenação do curso era a forma como os conceitos de Estatística seriam abordados em sala de aula. Os graduandos começam a disciplina sem qualquer intimidade com os temas e devem chegar ao fim dominando técnicas sofisticadas. "Para evitar que se percam, adotamos uma série de avaliações ao longo do curso. Assim que terminam a prova, eles recebem o gabarito. Ou seja, as avaliações dão um direcionamento sobre os conceitos e reforçam pontos pouco assimilados", conta Eduardo.

Talita compartilha da opinião do professor. Para ela, Estatística não era algo simples, especialmente por não ter afinidade com exatas: "Um método que conjuga a prática ajuda a contextualizar o que foi aprendido na teoria e a fixar os assuntos".

Para aplicar as provas, Eduardo divide os alunos em duas turmas. Além dessas avaliações, eles ainda realizam três atividades em grupo e outra prova ao fim do semestre.

> Para evitar que os alunos se percam, adotamos uma série de avaliações ao longo do curso. Assim que terminam a prova, eles recebem o gabarito. Ou seja, essas avaliações dão um direcionamento sobre os conceitos e reforçam pontos pouco assimilados.
>
> *Eduardo Francisco, professor da FGV-EAESP*

TRABALHO EM EQUIPE

Em paralelo às aulas e provas, os alunos também realizam trabalhos em grupo. São propostas três atividades monitoradas, cujo objetivo é colocar os conceitos teóricos em prática.

Baseando-se nos trabalhos realizados no primeiro semestre de 2014, na atividade inicial eles devem aplicar o que aprendem sobre Estatística Descritiva. Isso significa fazer a representação precisa de uma situação relacionada à cidade. O objetivo é fazer com que essas descrições atinjam a excelência, a ponto de fazer com que alguém que não conheça a cidade entenda o seu funcionamento com base em associações entre diversas variáveis. A equipe deve apresentar números, avaliar gráficos, analisar relações entre gasto de energia e renda etc. "Essa é uma atividade muito interessante. É a primeira situação em que são desafiados a sair da zona de conforto e encontram uma atividade estressante", conta o professor.

A segunda atividade costuma ser mais fácil, mas os alunos têm menos tempo para a execução, pois devem entregá-la no mesmo dia. Nesse trabalho, eles precisam simular uma distribuição. Eles recebem tabelas com dados referentes à população da cidade e indicativos sobre o consumo de cada família, tendo a missão de simular uma pesquisa com uma amostra de dez pessoas para entender um comportamento específico, como a média de gastos com lazer, por exemplo. A ideia é entender e interpretar os dados obtidos em estudos de médias de amostras populacionais. "Eles aprendem na prática que quanto maior a amostra, mais

> Acredito que trazer exemplos reais de instituições públicas ou de organizações do terceiro setor geraria ainda mais interesse nos alunos. Uma ideia é convidar profissionais dessas áreas para mostrarem como aplicam as ferramentas estatísticas no dia-a-dia e de que forma elas impactam no resultado final.

Talita Hernandes Borges, aluna de graduação em Administração Pública na FGV-EAESP

precisão temos no resultado e menor é a margem de erro", afirma Eduardo.

A terceira atividade contempla a análise de regressão, em que – no semestre citado – os estudantes utilizaram como base uma pesquisa sobre redes sociais, realizada por Otavio Sanches, professor da EAESP. O estudo mostra que são interligadas as características de quem pretende usar essas mídias. Uma pesquisa amostral é disponibilizada para que os alunos montem um modelo de regressão indicando a intenção de usar a rede.

ATIVIDADES ADICIONAIS

Eduardo conta que além de conceitos teóricos e aplicações práticas, costuma propor atividades diferenciadas, utilizando algumas aulas para passar filmes ou episódios de séries de canais por assinatura, como *Os Caçadores de Mitos*.

Também há leituras obrigatórias, fora o livro do curso, e o professor incentiva os estudantes a levarem artigos de jornais sobre pesquisas para debaterem em sala de aula: "É importante que agucem a visão crítica sobre o que é mostrado pela imprensa, pois é comum que os jornalistas façam interpretações equivocadas dos gráficos e dados apresentados pelos institutos de pesquisa".

AVALIAÇÕES

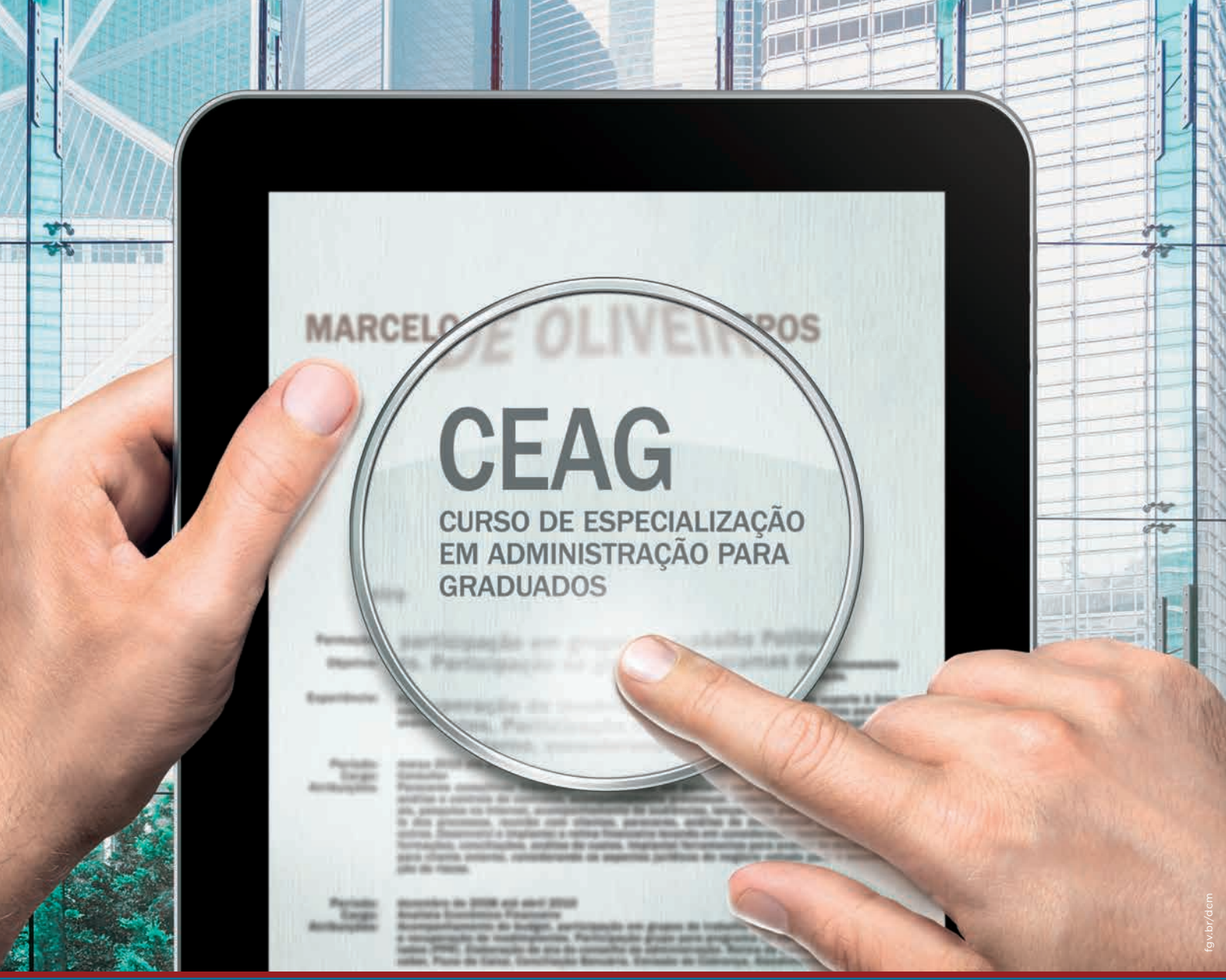
Segundo Eduardo, um ponto importante é o método de avaliação de provas e atividades em grupo. "Os alunos sabem, minuciosamente, como é feita a avaliação dos trabalhos", explica.

No início do curso, eles são informados sobre essas avaliações e de que forma será analisado cada quesito dos trabalhos. Sempre que uma atividade é corrigida, o aluno recebe uma pontuação em cada categoria. É com base nesses pontos que ele sabe quais aspectos precisa aprimorar. Eduardo explica que há subjetividade em algumas avaliações, mas o processo, de maneira geral, é padronizado. "É importante que o estudante tenha um *feedback* de todas as avaliações para conduzir os estudos, principalmente em um curso tão intenso", afirma o professor.

Os alunos, por sua vez, fizeram boas avaliações da metodologia adotada para a disciplina. Talita, que hoje cursa o sexto semestre em Administração Pública, acredita que quanto mais prática for a disciplina, mais o estudante entende sua aplicação real no campo de trabalho. Ela, inclusive, sugere uma atividade adicional: "Acredito que trazer exemplos reais de instituições públicas ou de organizações do terceiro setor geraria ainda mais interesse nos alunos. Uma ideia é convidar profissionais dessas áreas para mostrarem como aplicam as ferramentas estatísticas no dia-a-dia e de que forma elas impactam no resultado final".

Eduardo comemora o sucesso da metodologia escolhida para o desafio de ensinar Estatística em oito horas semanais em um curso de um semestre. De acordo com o professor, é gratificante ver os alunos muito mais familiarizados com o assunto ao fim do período, e, mais do que isso, pensando em se aprofundar na área. "Os estudantes ajudaram muito e são responsáveis pelo sucesso do curso. Compareceram e se dedicaram às aulas. A ideia é instrumentá-los com assuntos diferentes para que possam lidar com diversas situações", explica ele.

O professor conta também que a direção do curso já está trabalhando em parcerias com outras disciplinas, como Sustentabilidade e Macroeconomia. Os detalhes ainda estão sendo acertados, mas há chances de que sejam ministradas aulas para que os estudantes aprendam algumas técnicas que os preparem para a matéria. A ideia é lhes conferir informações para que cheguem às aulas de Estatística mais aptos a lidar com o conteúdo. "Talvez tenhamos também um desdobramento com mais da disciplina de Estatística espalhada pelo curso", complementa Eduardo.



CEAG, O NOME PARA COLOCAR AO LADO DO SEU.

O CEAG é ideal para quem deseja realizar um curso de excelência e ter uma visão mais abrangente de Administração. Destinado a profissionais com no mínimo **3 anos de experiência**, o CEAG é um dos mais tradicionais cursos da GV e que busca, além do desenvolvimento de competências interpessoais, preparar os alunos que almejam ocupar cargos de liderança.

AACSB ACCREDITED · EFMD EQUIS ACCREDITED · Accredited by Association of MBAs

A qualidade do ensino da FGV/EAESP é acreditada por três entidades internacionais especializadas no assunto.

PARTICIPE DE UMA SESSÃO **DE INFORMAÇÃO**

FGV EAESP

Inscreva-se: fgv.br/**ceag**


SEJA DESEJADO
PELAS EMPRESAS
MAIS DESEJADAS.
Cursos SP
Adm. de Empresas • Adm. Pública
Direito • Economia
Cursos RJ
Administração • Ciências Sociais • Direito
Economia • História • Matemática Aplicada
VESTIBULAR FGV
SELETO COMO O MERCADO DE TRABALHO
vestibular.fgv.br

Ei!

Ensinoinovativo



Confira a versão on-line da revista e tenha acesso a **CONTEÚDOS EXCLUSIVOS** da edição





bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/ei

FGV EAESP 60 anos